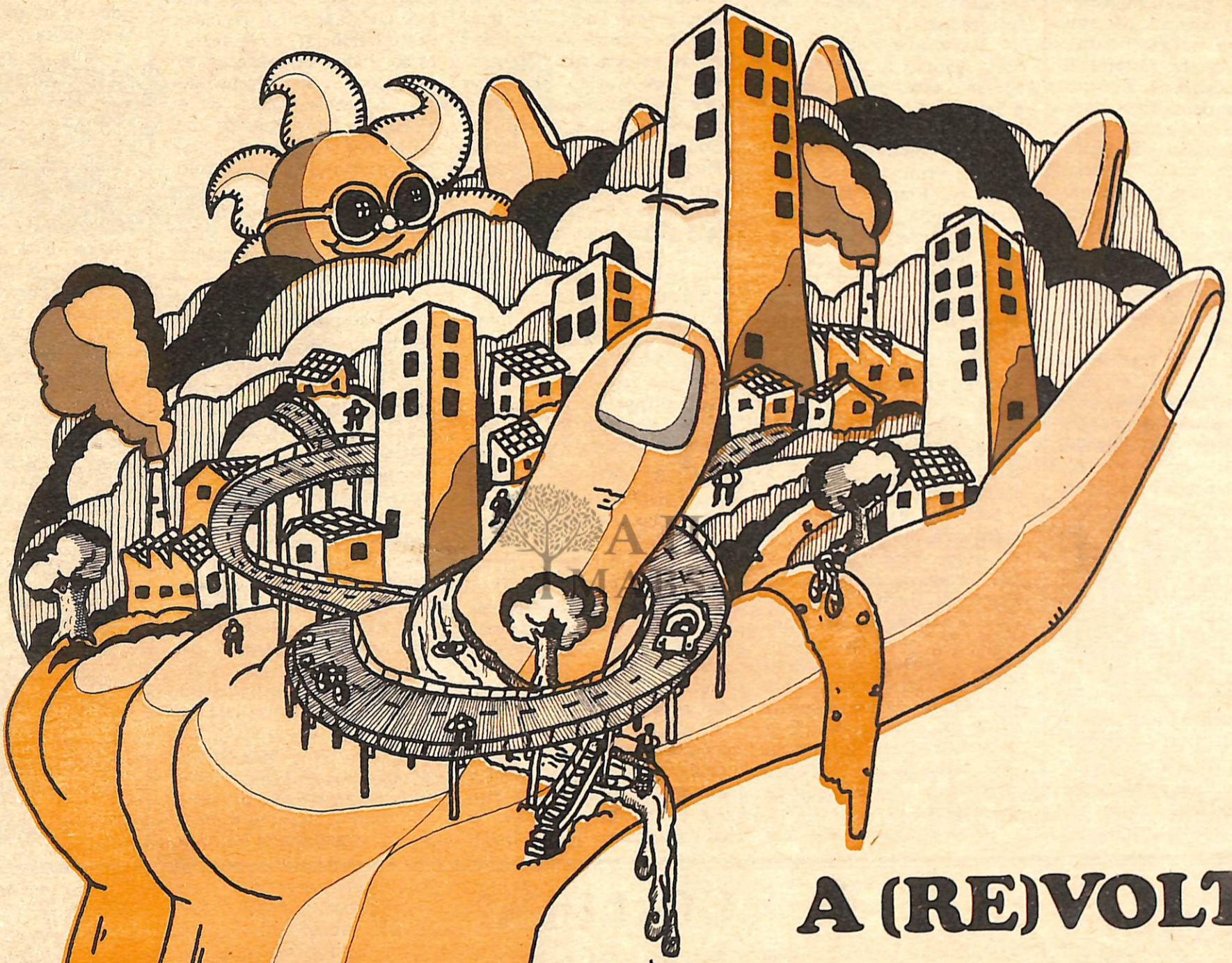


A CIDADE ESTÁ EM NOVAS MÃOS.



**A (RE)VOLTA
DO BARTIMEU.**

PÁGINA 11

**ENTRA
EM CAMPO
O PAULISTA.**

PÁGINA 16

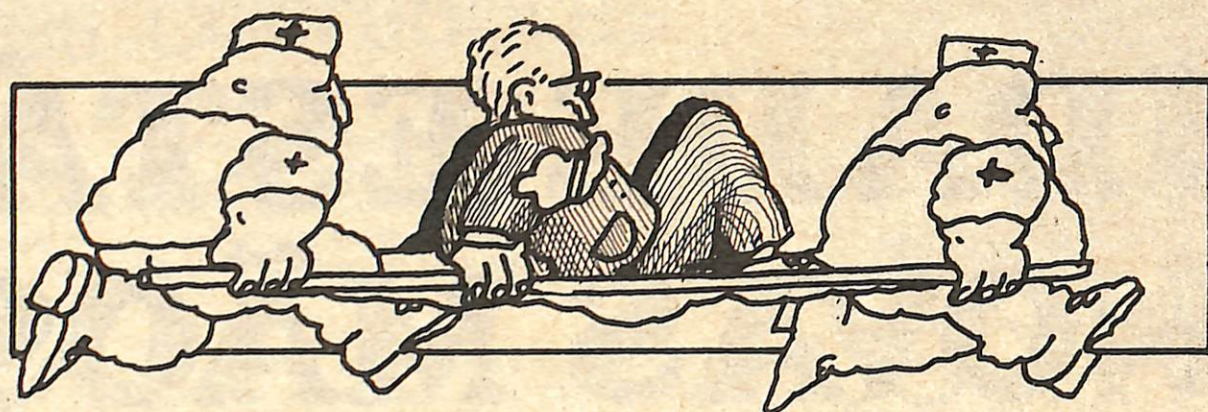
Caso médico, especial para Fávoro

Ségundo informações, estaria havendo grande movimentação na Faculdade de Medicina, no sentido de levar os principais problemas por que passa a faculdade à nova administração municipal. O movimento, basicamente feito por estudantes, que mais se ressentem do estado de coisas ali reinantes, tem a alentá-lo o fato de que Pedro Fávoro, sendo o instaurador, da Faculdade em Jundiá, dedique a ela as atenções necessárias para demonstrar que a sua criação não foi apenas uma vaidade pessoal, nem um "gesto histórico", mas a consciência de que uma escola de médicos pode representar um grande passo no sentido de dar à cidade uma fonte muito especial de serviço médico prestado à comunidade — serviço esse aliado às finalidades próprias e altas de uma verdadeira Faculdade.

Quais seriam os principais problemas da Faculdade de Medicina?

Afora a luta contra um orçamento mirrado (fato diante do qual Fávoro talvez muito pouco possa fazer, dadas as condições das finanças municipais), um ponto nevrálgico preocupa os estudantes, principalmente os dos últimos anos: a questão dos estágios, épocas importantes dos estudos, quando o aluno tem oportunidade de conviver ao vivo com os problemas que a futura profissão lhe apresentará: o trato com pacientes, o por-em-prática os conhecimentos teóricos recebidos, a convivência com os profissionais mais experientes

Como se sabe, o internato da Faculdade de Medicina vem sendo feito, parte em Franco da Rocha, parte aqui



em Jundiá, no Hospital São Vicente e no Hospital do Sesi (pediatria).

Mas o que a opinião pública ignora, e talvez nem mesmo o novo prefeito saiba, é que existe um esforço muito grande para que o internato, bem como a residência médica, sejam mais e mais feitos em Franco da Rocha, num hospital que não possui o mínimo de condições para atender aquilo que os estudantes esperam de um final de curso ou início de profissão (o internato e a residência).

Ora, por que, então, transferi-los para Franco da Rocha?

Segundo consta, a direção da Faculdade, sempre que insiste nesse propósito, tem a única intenção de "agradar" à Secretária da Saúde do Estado, cuja política vem sendo a de equipar os hospitais estaduais (como o de Franco da Rocha) com mão-de-obra barata, sob a denominação de "médicos residentes" — também já conhecidos como "bagrinhos", num transplante da terminologia usada nas docas para definir os trabalhadores que executam trabalho por salários mais baixos, em situação de sub-emprego.

Para encontrar esse "en-

quadramento" na discutível política estadual de Saúde, a direção da Faculdade tem dois fatos favoráveis, resultantes da nefasta administração Ibis Cruz-Arnaldo Reis: primeiro, a diminuição das verbas da Faculdade; segundo, a "sobamização" do Hospital São Vicente — que, a rigor, seria um hospital-escola — mas aonde a direção da Faculdade já não tem mais força.

E nesses dois pontos reside toda a problemática dos estudantes, principalmente dos que cursam os últimos anos e que, sabemos, estão interessados em fazer o internato e a residência em Jundiá, principalmente pela consciência que têm de que podem e devem prestar serviços à cidade que os abriga.

Vejamos o que alegam os estudantes, ao pleitearem o internato e a residência em Jundiá: inicialmente, a grande maioria deles é contra a filosofia da secretaria estadual de Saúde — tanto pelo fato de serem contra o sub-emprego intitulado eufemisticamente de "residência", quanto por saberem que, na verdade, a idéia de fixar os novos médicos em hospitais estaduais do Interior nada mais é que uma tentativa de desafogar o Hospital das Clínicas de São Paulo, hoje incapacitado,

pela sobrecarga, de atender a casos de todo o interior. Acontece que os hospitais das cidades interioranas, via de regra, estão longe de oferecer as condições de atendimento do HC. A acabam sendo, ou o palco dos fatos absurdos que os jornais se fartam de noticiar (pacientes morrendo pelo mau atendimento), ou simples escala onde pacientes agravam suas doenças para, depois, serem encaminhados com urgência ao HC.

O hospital de Franco da Rocha é o mais vivo exemplo do que ocorre em outros locais. E é contra esse estado de coisas que os estudantes da nossa Faculdade se queixam.

Segundo informações, o hospital de Franco da Rocha é precaríssimo, a partir do equipamento de Raio X que, ou não funciona, ou funciona precariamente (dos dois aparelhos existentes, um está definitivamente parado; o outro, quando funciona, às vezes não pode prestar serviço por falta de material utilizável nas radiografias). O laboratório de análises não tem condições nem sequer de fazer os mais simples exames de sangue; e, em casos de exames urgentes, é preciso — como dizem os esta-

giários — "fazer o plantonista à distância", um senhor que dá seus plantões em casa. A farmácia do hospital é deficiente, contando com o mínimo de medicamentos e sofrendo a demora da burocracia: os medicamentos padronizados pelo Estado demoram um tempo enorme para serem repostos, pois dependem de abertura de concorrências feitas em São Paulo. Finalmente, o hospital de Franco da Rocha sofre o problema, geral em todos os hospitais, da enfermagem feita por curiosos, dada a falta de profissionais formados por escolas.

Diante disso, não estaríamos errando, em achar que o Hospital São Vicente de Paulo, mesmo deficitário, ainda oferece melhores condições para a instalação dos internatos e residências, conforme é o desejo dos estudantes. A instalação desses serviços permitiria, ainda, a prestação de serviços médicos à cidade — mesmo que isso viesse a exigir um empenho maior da Prefeitura: afinal, ninguém — nem mesmo os estudantes — desejam que a Faculdade de Medicina seja um luxo que Jundiá deve ostentar ("luxo" em nome do qual acabam se levantando as vozes daqueles que desconhecem o que a Faculdade, bem orientada pode prestar, e que acabam por gritar pelo seu fechamento — o que seria um erro maior).

A nós cabe colocar a questão: se Pedro Fávoro é o "pai da criança", que seja ele o responsável pelos acertos que a Faculdade de Medicina está a exigir — como escola, como organismo social.

Equipe J2a.

UFA! UFA?

— "Graças a Deus, acabou!" Jundiá suspira, aliviada, vendo chegar ao fim o mandato do prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz, cujo governo pode ser classificado como o pior de que jamais se teve notícia.

Nos últimos 4 anos, a população revoltada e estarecida assistiu ao desenrolar dessa gestão calamitosa, na qual "não houve o que não houve", em matéria de abusos e de desmandos administrativos. O homem fez o que quis, nesta pobre terra dos jundiás. Arrasou os valores tradicionais, zombou da moral e da lei, sapateou e dançou sobre a multidão inerte e amedrontada.

Como pôde tudo isso acontecer? Como pôde esse prefeito praticar tantos atos condenáveis, sempre falando em nome de poderes mais altos e alardeando o apoio e o prestígio que recebia? De onde advinha tanto poder,

exibido com ostentação pelo alcaide prepotente e abusado?

É fácil de entender, vendo quanta gente importante foi favorecida neste governo funesto. Está aí a poderosíssima Andrade Gutierrez, tirando proveito imenso do contrato imoral que celebrou com a administração Ibis Cruz. Centenas de milhões de cruzeiros foram carreados dos cofres públicos para os bolsos da empreiteira, em pagamento de obras e serviços cobrados a preços escandalosos. Como a firma é, sem dúvida, todo-poderosa, não é de se estranhar o atrevimento e a impunidade do prefeito amigo.

"Ufa, que enfim acabou!" desabafam os sofridos munícipes.

Mas será que acabou, mesmo? Por acaso foi extirpado o mal, ou conseguiu-se apenas afastá-lo um pouco da nossa cidade? Foram identificados e destruídos, nas

múltiplas áreas governamentais, os pontos de apoio e de respaldo para os atos praticados com tanta desfaçatez em Jundiá?

E as marcas deixadas por essa administração catastrófica, não estão aí — presentes, quais feridas imensas, sangrando o município? É, por exemplo, público e notório o descalabro administrativo, financeiro e funcional do Hospital São Vicente. Todo o mundo sabe que a máquina administrativa da prefeitura está falida, prenhe de apadrinhados e de chupetas, após estes anos de empreguismo desenfreado. Os bairros da cidade estão no mais completo abandono, carentes dos melhoramentos mais elementares, num contraste chocante com as avenidas de luxo, que tanto lucro deram para a empreiteira privilegiada. A fábrica Concrebrás, construída e funcionando clandestinamente no terreno compra-

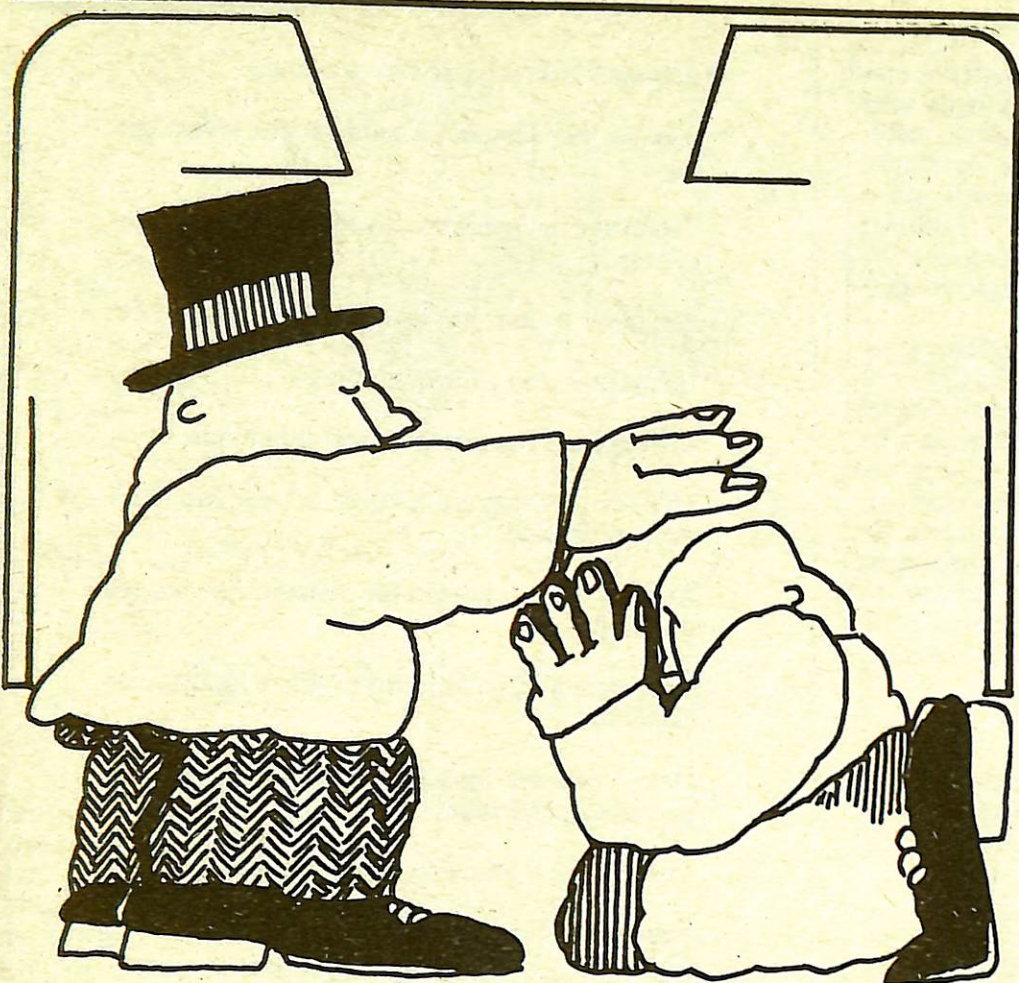
do do prefeito, lá na Hortolândia, é um testemunho gigantesco do absoluto desprezo dessa administração pela moral e pela lei. E onde estão as figueiras centenárias da praça da Bandeira? Foram abatidas, num espetáculo público de fúria e de destruição, onde era evidente a sanha em aniquilar com todo e qualquer símbolo de valor e de respeito que pudesse dificultar a implantação, na terra devastada, da nova vontade soberana e prepotente.

Pobre povo de Jundiá!

Que triste situação a sua! Sorri, satisfeito, como se o pesadelo tivesse terminado, e no entanto pesa-lhe sobre os ombros toda a herança maldita desse governo funesto! Está, por acaso esquecido das dívidas imensas contraídas para alimentar a sede de ganho fácil da empreiteira poderosa? Os mandatos se acabam, as firmas se retiram, mas o preço dos abusos cometidos acaba recaindo sempre sobre o povo, qual carga odiosa a lhe amargar o destino por muitos e muitos anos! (F.A.O.)

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue



TU ÉS VIVO!

(adaptação do sacro-editorial publicado, dia 22.1.77, no segundo jornal da cidade impresso em off set)

Ainda nem tinha assumido a chefia do Executivo Municipal e o prefeito eleito já estava sendo biblicamente defendido em praça pública. E justamente por parte de um de seus mais bem remunerados adversários de ontem.

O futuro governador municipal, apesar de não se chamar Cruz, poderia, agora, repetindo o episódio do Gólgota, ouvir o que foi dito aos fustigadores de Cristo: "Perdoai, pai, eles não sabem o que fazem."

"Quando de sua campanha eleitoral, tudo quanto o sr. Fávaro prometeu estava contido numa filosofia equilibrada, tradicional, conservadora e de moralismo, na melhor linha de sua personalidade".

Alguns, porém, interpretando em termos de emprego público e de propaganda oficial paga o preço de ouro no jornal em que escreviam, interpretaram-no como um possível "novo Saulo". E permitiram que o jornal — do qual representam a legítima voz, uma vez que respondem pelo seu editorial —, permitiram que esse jornal publicasse, durante meses, uma página imbecil chamada "Chalça", que tinha a clara intenção de denegrir a figura "nostálgica" (segundo o infeliz humor da página) do sr. Paulo, digo, Pedro Fávaro.

A que título?

Talvez porque, àquela época, temessem que o então candidato não fosse ficar cego aos desmandos que o patrão Cruz andou cometendo nos quatro anos de abusos com o dinheiro dos gentios.

Ou porque, como assalariados, tivessem que vender a alma para garan-

tir a continuação dos tempos caliginosos, naquela crise que ia de falta de princípios à falta de pudor; do desprezo pelo dinheiro do povo às nomeações de chupetas; do propalado progresso às pressões sobre viúvas proprietárias de terrenos, sinais evidentes de que acreditavam que a melhor política seria ficar como estava.

E que podem fazer os prefeitos no Brasil, em certos aspectos, salvo bater pernas pelas entidades financeiras oficiais e pelo Senado da República para conseguir empréstimos lesivos ao interesse da coletividade, nesta nova tecnocracia brasileira, de base oportunista, na qual os prefeitos é que obedecem às poderosas empreiteiras, e não ao contrário como se praticou sempre no Brasil?

Defendido pelo que disse e pelo que não disse, antecipadamente, e até por intenções de certo modo manifestas, o sr. Pedro Fávaro, talvez também pelo interesse demonstrado em se basear no que de pior tem a aproveitar da administração Ibis Cruz, começa a meditar sobre a velha lição de Madame Du Barry: tem vaga pra mim?

Se S. Excia. deseja governar garantindo o "Amém" de escribas de dobradiça azeitável, nestes quatro anos para a frente, faz muito bem em ir-se aproximando dos mamadores do dinheiro público, adotando a linha de coxo cheio, muito condizente com o estilo dos que fizeram, nos últimos quatro anos, a "revolução" que ninguém, nem os mais deslavados, esperava que fosse feita.

Erazê Martinho

Jundiáí: os partidos existem?

Nossos políticos passaram mais uma semana ocupados com as especulações de sempre: Arena e MDB vão acabar? Ou continuarão? Teremos mais um ou dois partidos? Ou serão quatro? E o PDR? Será um deles?.

Pena que nenhum deles tenha colocado a única questão realmente essencial: se Arena e MDB acabarem, que perderemos com isso? E, se mais partidos forem criados, que ganharemos?

A resposta, se os dois partidos continuarem como estão, ou se os novos forem como eles, infelizmente é quase nada. Pois perderíamos, ou ganharíamos apenas estruturas oficiais e legais de participação e manifestação política, e não partidos autênticos, isto é, organizações políticas vivas, atuantes, representantes reais das correntes de opinião mais

significativas do País.

E não é preciso ir muito longe para provar que Arena e MDB, hoje, só parecem partidos vivos durante as campanhas eleitorais. Basta vermos como são as coisas aqui mesmo em Jundiáí.

Por exemplo: desde 15 de novembro passado, há dois meses e meio, portanto, que fizeram os diretórios municipais em Jundiáí para mostrar que não morreram com as eleições? Algum dos partidos fez alguma coisa para cumprir pelo menos a obrigação primária de um partido político, que é politizar, tentar convencer os cidadãos eleitores de que as suas idéias, suas metas e seu programa são os que mais atendem aos interesses da cidade, do Estado e da Nação?

Se fizeram, ninguém soube, ninguém viu.

Além disso...

CINISMO

Em matéria de cinismo e falta de respeito à opinião pública, alguns deputados paranaenses estão chegando ao exagero.

Há poucos dias, a Assembléia Legislativa do Paraná concluiu, através de uma CPI em que a Arena era maioria, que o governo do Estado (administração atual e anteriores) não distribuía gordas verbas mensais aos jornais e emissoras de rádio paranaenses, em troca da divulgação de noticiário sobre suas atividades. Portanto, eram falsas as denúncias de deputados oposicionistas.

Só que até mesmo os jornais do ex-governador Paulo Pimentel, inimigo político do governador Jaime Canet, recebiam mensalmente cotas fixas de verbas do governo, enquanto dos dois políticos ainda se relacionavam. Quando romperam definitivamente, as verbas pararam de pingar nos cofres de Pimentel. E isso toda a imprensa do País publicou, na época. Só os deputados da Arena não quiseram ver.

Por isso, consolemo-nos: nem só em Jundiáí se costumava comprar a consciência da imprensa com o dinheiro da população.

BLÁ, BLÁ, BLÁ.

Está saindo o prefeito que falava, falava, falava, mas não explicava. E entrando o prefeito que rodeia, rodeia, rodeia, mas não fala nem explica.

Paciência. Daqui a quatro anos a cidade pode tentar um que simplesmente fale e explique.

PENSANDO EM 78

Se numa esquina qualquer de Jundiáí você der de cara com um candidato a governador de São Paulo, não se assuste: eles estão por aí no Interior, a todo vapor, fazendo visitas, sorrindo, dando tapinhas em costas desconhecidas, recebendo títulos de cidadãos daqui e dali. Todos em plena campanha.

Da Arena já estiveram em Jundiáí o ex-governador Laudo Natel e o ex-prefeito de São Paulo, Salim Maluf. Só falta Abreu Sodré, que há poucos dias começou a circular como candidato.

Aliás, candidatos não: apenas "soldados do partido", dispostos aos "sacrifícios do cargo, se o bem de São Paulo assim o exigir".

AO PÉ DO OUVIDO

Há quem garanta: entre os diretamente interessados nas eleições para deputado, em 78, despontam agradáveis surpresas, Será?

—§—

Também me garantem que entre esses interessados estão alguns que não se desiludiram com votações anteriores.

ASSESSOR, NÃO. JORNALISTA.

O homem dos 110 mil votos, Francisco Amaral, prefeito eleito de Campinas, teve seu primeiro problema político sério na semana passada: a reação negativa da imprensa e de alguns círculos políticos campineiros à indicação, para o secretariado municipal, de três nomes considerados estranhos à cidade.

São o atual prefeito de Mogi Guaçu, Carlos Nelson Bueno, que vai dirigir a poderosa Empresa de Desenvolvimento de Campinas — EMDEC; o técnico do Ministério da Fazenda, Elmo Salvucci, que será o secretário das Finanças; e o jornalista Antonio Contente, ex-redator dos jornais paulistas Última Hora e Jornal da Tarde, ex-colaborador do Jornal de 2a., ultimamente trabalhando na sucursal da Folha de São Paulo em Brasília, que assumirá a chefia do Serviço de Imprensa da Prefeitura.

Não discuto as críticas (que podem ser justificadas) aos dois primeiros casos, porque ainda não conheço os motivos de Chico Amaral. Mas, no caso de Antonio Contente, a reação da imprensa campineira me parece um pouco precipitada. Em primeiro lugar porque Contente não é um estranho à cidade: antes de transferir-se para Brasília, há pouco menos de um ano, ele residia em Campinas.

Em segundo lugar — e principalmente — porque Antonio Contente é um profissional sério, competente e honesto. Um jornalista que não aceitaria nunca um posto como esse, se fosse para transformar-se numa barreira ao trabalho da imprensa, como o é a grande maioria dos "assessores de imprensa" deste país nos tempos atuais.

Conheço Antonio Contente há muitos anos, como amigo e profissional, e acredito que ele realmente merece um crédito de confiança.

ASSINE
© JORNAL DE 2ª

“Condenado pelo que disse e pelo que não disse, antecipadamente, e até por intenções não manifestas, o sr. Pedro Fávaro, talvez também, pelo interesse demonstrando em se basear no que de melhor tem a aproveitar da administração Ibis Cruz, começa a meditar sobre a velha lição dada por Joaquim Nabuco: sem os radicais é impossível fazer revoluções; mas com eles é impossível governar”. (Editorial do Jornal da Cidade, 22/1/77)

“Nós é que lamentamos. Lamentamos que o sr. não tenha entendido o espírito de nossa Análise. Não temos nada contra a figura do sr. prefeito eleito, nem a favor, mesmo porque estão não é a missão de um jornal. Estamos apenas atentos ao que fazem ou deixam de fazer nossos administradores, os administradores da coisa pública, não nos importa que se chamou Pedro ou Paulo”. (Jornal de 2a., em resposta à carta de um leitor, semana de 24 a 30/1)

“Os técnicos sempre admitiram que álcool pudesse vir a ser a grande alavanca futura de nossa economia, mas não houve atitudes determinadas, para a antecipação desse futuro. Fala-se hoje em revolucionar o mundo com a utilização de álcool, sabendo-se que países como a Iugoslávia, França, Hungria, Itália, Checoslováquia e Chile adotam a mistura entre 6% e 40%. E isto porque não possuem as condições especialíssimas que somente o Brasil e a Austrália podem exibir, que contam com território em abundância e um clima tropical extremamente propício à cultura da mandioca. Mas há ainda outros vegetais em condições de produzir o álcool, como a cana, o milho, a batata doce, o arroz, etc”. (Edison Lobão, Correio Brasileiro, 7/1)

“Estes últimos episódios de uso desmedido de verbas públicas revelam não só mais um aspecto do problema do gigantismo burocrático

em que está envolvido o Estado brasileiro, mas mostra, acima de tudo, a persistência de uma mentalidade patrimonialista que, afinal, deveria ter acabado por obra e ação da Revolução de 1964. Foi para isso, não custa repetir, que o movimento revolucionário foi feito”. (Editorial do Jornal da Tarde, 5/1, sobre as despesas feitas pela Cecap, com sua festa de fim de ano)

“Custei a acreditar, mas os números estão lá e a informação é oficial. De Cr\$ 138 milhões arrecadados pelo Campeonato Nacional, sobraram apenas Cr\$ 71 milhões para os clubes. Quer dizer, metade. Não conheço nenhuma atividade no mundo onde um empresário possa sobreviver com tal percentagem de custos. Custos? Melhor dizendo, impostos, confisco, desperdício. Os custos mesmo só vão entrar mais tarde: os salários pagos pelos clubes a seus jogadores”. (José Inácio Werneck, Jornal do Brasil, 7/1)

“Ser jogador era meu sonho, desde garoto. Mas nunca pensei que pudesse realizá-lo” (Wladimir, jogador do Corinthians e da Seleção Brasileira)

“Você cria um personagem, aí vem alguém e diz que não pode ser mostrado”. (Carlos Eduardo Dolabella, ator)

“Quando um homem de 36 anos – 18 anos dos quais passados em prisões – pede por amor de Deus que cumpram a pena de morte a que foi condenado, a gente fica pensando na vida. E na morte”. (Regina Coelho, Última Hora do Rio, 20/1)

“A morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. Por isso, não me perguntem por que os sinos dobram. Eles dobram por ti”. (Prefácio de John Donne em um livro de Ernest Hemingway)

Arcanjo é uma sopa do outro mundo.

Cadenas são fêmeas de animais que vivem presos.

Cabresto é um ovino muito esperto, que não para preso.

Alíquota é um importante chefe da OPEP.

Uchoa inventou a fonte luminosa.

Cítrico é um comentarista mal-humorado.

Milheiro é um prato típico que os índios comem às centenas.

Augúrio foi um imperador romano que morreu de desejo.

Ônus é um rombo obscuro na parte final dos orçamentos.

Data Vênia era uma famosa advogada que não permitia licensiosidades.

Caixilho foi o primeiro papa veneziano.

Feed Back foi um temível guarda-costas de Al Capone.

George Orwell inventou o Stock 84.

Led Zeppelin morreu queimado na década de 20.

Lentilhas são vidrinhos para microscópio.

Balancete é uma pulseira que se fecha apenas uma vez por ano.

Pingentes são alcoólatras que caem dos trens.

Zarteu

INTERVALO

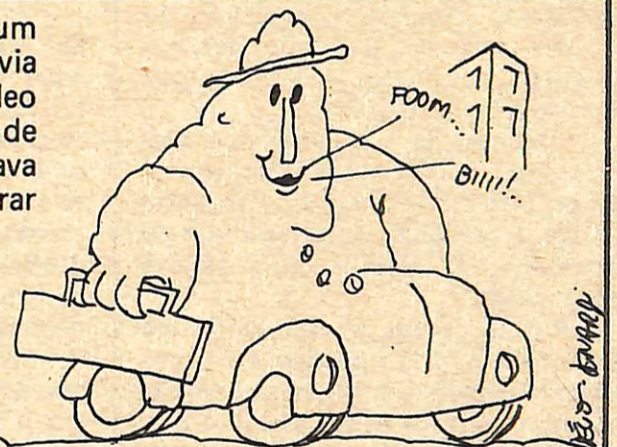
Carmo Car era um homenzinho que vivia muito feliz.



E identificava-se tanto com seu automóvel, que até esta estória poderia ter começado diferente. Assim:



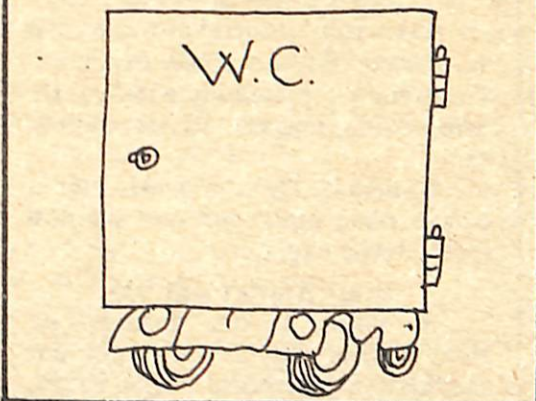
Carmo Car era um homemóvel que vivia muito feliz. Bebia só óleo Super, comia gasolina de primeira, azul, e andava buzinando para mostrar a todos sua alegria.



Amava a vida e tinha verdadeira adoração por seu carro. E dele não se separava por nada.



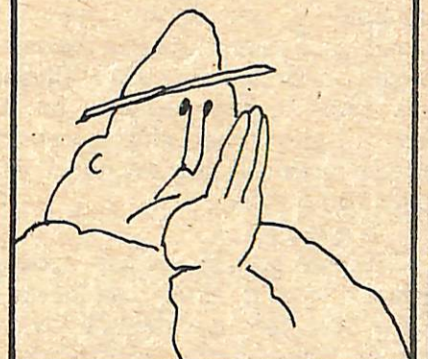
Por nada mesmo.



Mas num belo dia (e sempre há um belo dia na vida de todos), aconteceu o imprevisto (também há o imprevisto na vida de todos).



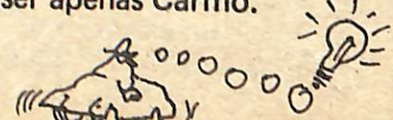
Racionalizaram a comida. Até a amarela.



O resto é fácil adivinhar. Carmo Car passou a andar menos, e, de tanto ficar parado, dezenas de varizes começaram a riscar seus pneus e suas pernas magras.



Um dia, quando ia pifando por uma esquina, passou-lhe pela cabeça uma idéia, que era muito mais saída que solução: teria de se separar do automóvel para continuar vivendo. Deixar de ser Carmo Car e ser apenas Carmo.

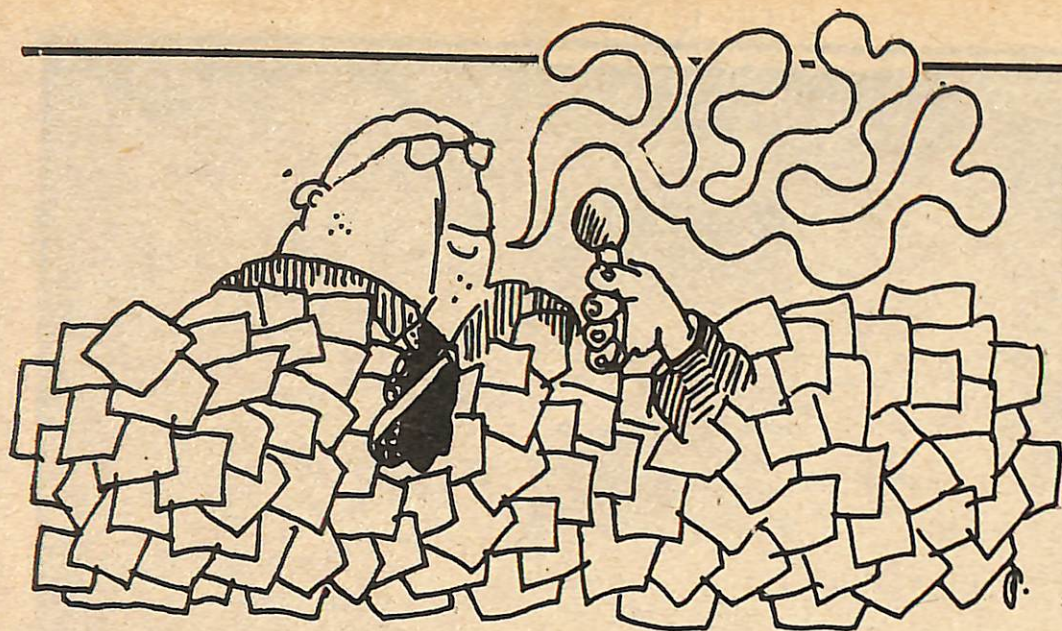


E foi o que fez.



Hoje, Carmo continua pelas ruas. Na contramão da vida. Com trânsito impedido. Com o bolso e o tanque vazios.





O AMIGO DO REI

O gabinete do assessor, positivamente, está em desleixo. Tudo de cabeça para o ar. Pilhas de papéis esparlamados, pilhas de papéis amarrados, pilhas de papéis rasgados, malas, malotes, baús, caixas, caixotes.

Há um ar de hecatombe geral, a começar da ante-sala, onde a secretária, fiel como um perdigueiro, enxuga torrentes de lágrimas com lenços de papel Yes.

Entro sem bater, mesmo porque, pela primeira vez a porta está aberta. Até mesmo escandalosamente aberta, escancarada.

— Como vai, sr. Assessor?

— Estamos aqui na azafama, meu caro Repórter.

— Azáfama, sr. Assessor. Mas já vai indo?

— Assim quis o destino.

— E para onde, podemos saber?

(Hoje, o Assessor está com seu ar mais erudito. Deve ter passado a noite folheando a Britânica. Ou até mesmo o Readers 's Digest, quem sabe. Deve estar se preparando para um discurso oficial de despedida. Na verdade, ele sempre foi muito solene).

— Para Passaguarda. Lá eu sou amigo do Rei.

(Admirável espírito, senso de humor sempre alerta).

— Pasárgada, senhor Assessor. Mas aqui também o senhor não é amigo do Rei?

— O diabo que o carregue, repórter abelhudo!

(Temo que ele esteja começando a perder o self-control)

— Desculpe, quis apenas fazer uma gracinha. Mas agora, na hora de sua despedida, devo confessar que vou sentir muito a sua ausência. E como é a última vez que nos encontramos, gostaria que o senhor fizesse, digamos assim, um balanço da nossa convivência, do nosso relacionamento, dos bons momentos que vivemos juntos, das alegrias que partilhamos, e por que não dizer, das admiráveis obras que através de sua límpida e serena palavra pudemos levar ao conhecimento do povo.

(Esse recurso de retórica é infalível. O Assessor não resiste a um apelo ao seu ego. Se não fosse demasiadamente fantástico, diria até que é possível ver, a olho nu, o Assessor inchando como um balão de gás).

— Diga aí ao povo, meu caro repórter, que as divergências que outrora nos uniram, neste momento solene não podem esmaecer, de forma alguma, e nem mesmo podem empanar o brilho de tudo aquilo que havíamos por bem fazer, capitaneados por nosso ilustre chefe em benefício desta tão sofrida população, que tem sido vítima durante tantos

anos, das omissões e das carências daqueles que pautam a sua ação por uma cartilha demagógica, razão pela qual, na hora de nossa partida, devemos deixar os nossos abraços aos correligionários, aos companheiros, aos trabalhadores que sempre nos apoiaram, porque a nossa herança ficará para sempre... ficará para sempre...

— No coração do povo?

— Exatamente. Pode escrever aí. No coração do povo. Anotou tudo direitinho?

— Anotei, sim. Mas, desculpe o atrevimento senhor Assessor, não seria esta a hora de dizer alguma coisa mais substancial, mais concreta? O senhor não poderia, por exemplo, explicar aquela con...

— Ópa, desculpe, mas é que já estão buzinando, tenho que partir. Espero, meu caro repórter, que voltemos a nos encontrar para um diálogo profundo, sincero e construtivo como estes que temos tido. Até logo e lembranças para a família.

O Assessor desaparece nos corredores, lépido como um relâmpago de verão.

(.....)

Parada, bloco de papel e caneta na mão, um pouco boquiaberto, um pouco boquifechado, olho para a sala já vazia, e sinto uma certa angústia. E agora, meu Deus, o que será de mim sem o Assessor? Onde pode um pobre repórter ir buscar informações para seus truculentos e exigentes leitores, sem ter um Assessor à mão?

Nos corredores onde se ouvia um tropel de partida, ouvem-se agora passos suaves de chegada.

Um distinto senhor de terno cinza, cabelos cinzas, sapatos cinzas, meias cinzas, lenço cinza no bolsinho do paletó se aproxima e pergunta, com uma voz cinza:

— Boa tarde, cavalheiro, o que deseja?

— Eu? Eu não desejo nada. Só informações. Sou um repórter.

— Ah, um repórter? Muito prazer em conhecê-lo. Sou um admirador dos profissionais de imprensa. Eu também já batalhei no jornalismo. Escrevia uma coluna no "Olho Vivo", o jornalzinho do colégio. Nobre profissão, meu caro Repórter, nobre profissão.

— E o senhor teria alguma declaração a fazer? Alguma informação a dar?

— Perfeitamente. Estou — e estarei sempre — ao seu dispor.

Diga aí ao povo, meu caro repórter, que as divergências que... Ei! Está anotando?

Sandro Vaia

I
Em "Marginalização: Menor e Criminalidade", o promotor público João Benedito de Azevedo Marques, presidente da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, afirma: "podemos afirmar que o mais grave desafio do mundo moderno é a brutalização das estruturas por uma tecnologia despida de amor e respeito ao ser humano".

II

Ainda sobre o problema do menor, o secretário da Promoção Social, Mario Altenfelder, recebeu recentemente a visita de 11 estagiários da ADESG — Associação dos Diplomados na Escola Superior de Guerra — ao quadrilátero da avenida Celso Garcia, onde se localizam alguns estabelecimentos da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Algumas perguntas dos estagiários e as respostas do secretário:

— Como agir em presença de um menor toxicômano?

— O menor toxicômano é mais uma vítima do que propriamente um infrator. Ele começa desde pequeno a ter uma educação errada na família. Por descaso dos pais, esses menores começam a frequentar certos meios de licenciosidade, onde ocorre maior corrupção e onde predominam os vícios de álcool e maconha. Encontramos também viciados em LSD, mas em menor escala. No entanto, posso dizer que a toxicomania ainda não é um problema social, pois é necessário dinheiro para sustentar os vícios.

Azevedo Marques: "em um ano e meio de nossa administração, os menores viciados em tóxicos têm representado cerca de 6% dos recolhidos em nossos estabelecimentos. No ano de 1975 tivemos 4 mil entradas, ou seja cerca de 250 viciados".

Mário Altenfelder: "existe um detalhe que quase todo mundo esquece, quando se fala em vício: o álcool é muito mais perigoso do que qualquer tóxico. Atualmente, a proporção entre o número de viciados em álcool e outros tipos de tóxicos é de 9 para 1. E devem ser levados em conta dois fatores: enquanto o tráfico de drogas é proibido, sofrendo certas repressões, o álcool é vendido abertamente e é muito mais barato do que a maconha ou outros tóxicos".

— Sobre a prostituição da menor — como combatê-la e quais as consequências?

— É preciso distinguir entre lenocínio e prostituição. O lenocínio é o tráfico de mulheres — é crime punível pela lei, enquanto que a prostituição em si não é crime. Em 1958, o Brasil assumiu um tratado internacional para coibir o lenocínio no mundo todo; isso serve para mostrar que o lenocínio é um problema mundial. No entan-

to, o tratado ficou apenas no papel: a perversão de menores continua tão intensa quanto antes, até pior talvez, pois a média de idade de meninas que entram para a prostituição baixou para 12 anos. E não existe em nenhuma cidade do Estado de São Paulo uma forma preventiva para acabar com isso. Na Capital, a Casa Nossa Senhora Auxiliadora tenta recuperar essas menores e no Rio temos quatro casas desse tipo. As pesquisas mostram que 70% das prostitutas menores são meninas que sofreram de males mentais e não tiveram tratamento adequado ou são psicopatas. Para essas, não existe solução. Mas, para as 30% restantes, através de um trabalho preventivo ou educacional por meio de casas especializadas, com fundamento religioso, houve um aproveitamento de 82%. Essas largaram a prostituição, casaram-se e constituíram famílias felizes.

— Como o senhor vê a religião para a recuperação de menores?

— Vamos falar de religião e não de fetichismo, a que o povo brasileiro se apega muito. A verdadeira religião, crença em Deus, pode auxiliar muito na recuperação de menores, principalmente nos casos que já citei, nos menores toxicômanos e menores prostitutas.

Como explicar o crescimento de mães solteiras menores?

— É o resultado de uma sociedade que permite tudo, até mesmo relações sexuais na rua. É o fruto da permissividade de uma sociedade corrompida e decadente, que é a nossa sociedade. O Instituto Interamericano da Criança realizou pesquisas que comprovam que 70% dos nascimentos de crianças nas áreas periféricas das grandes cidades latino-americanas são ilegítimos.

— Como devem agir as classes mais favorecidas em favor das menos favorecidas?

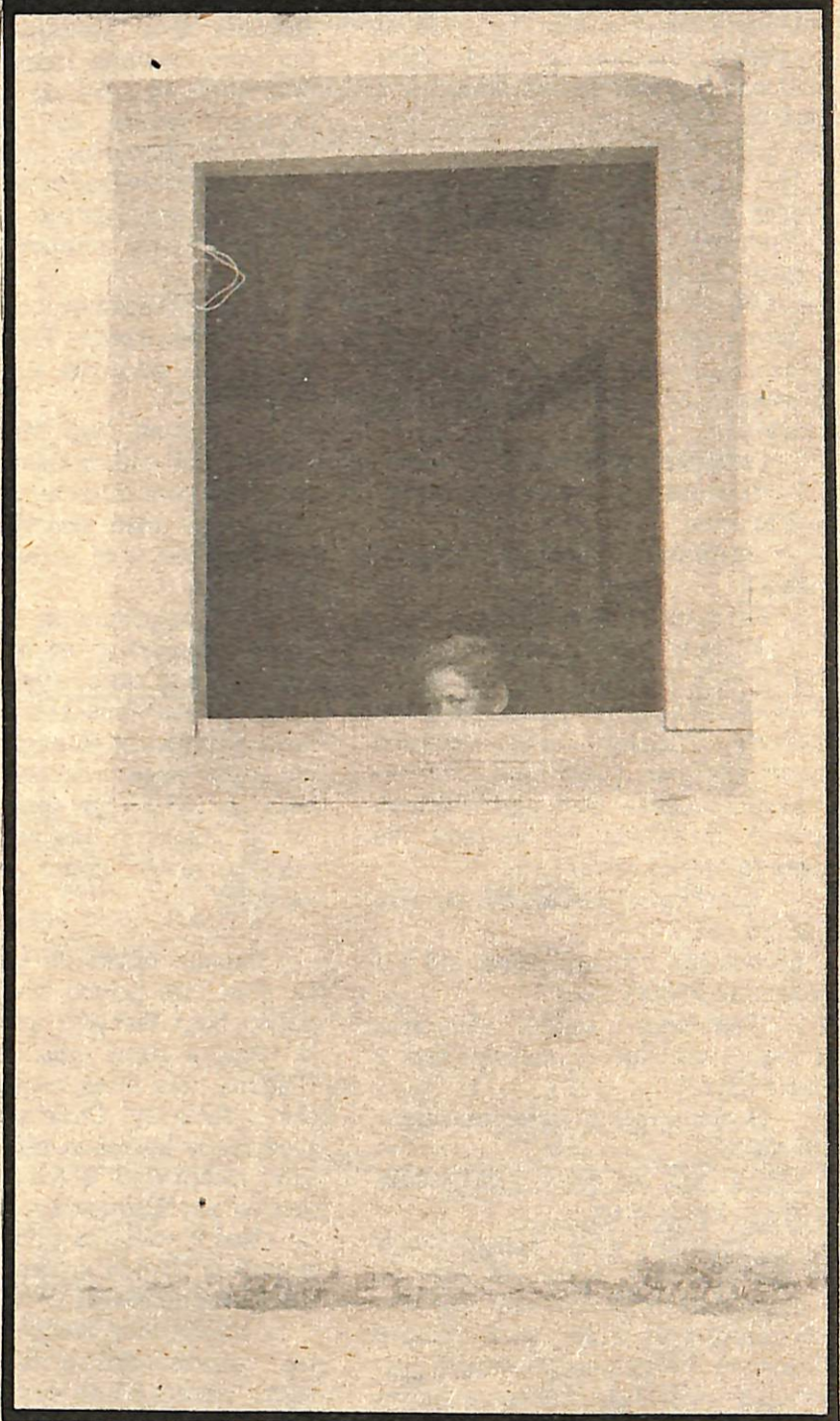
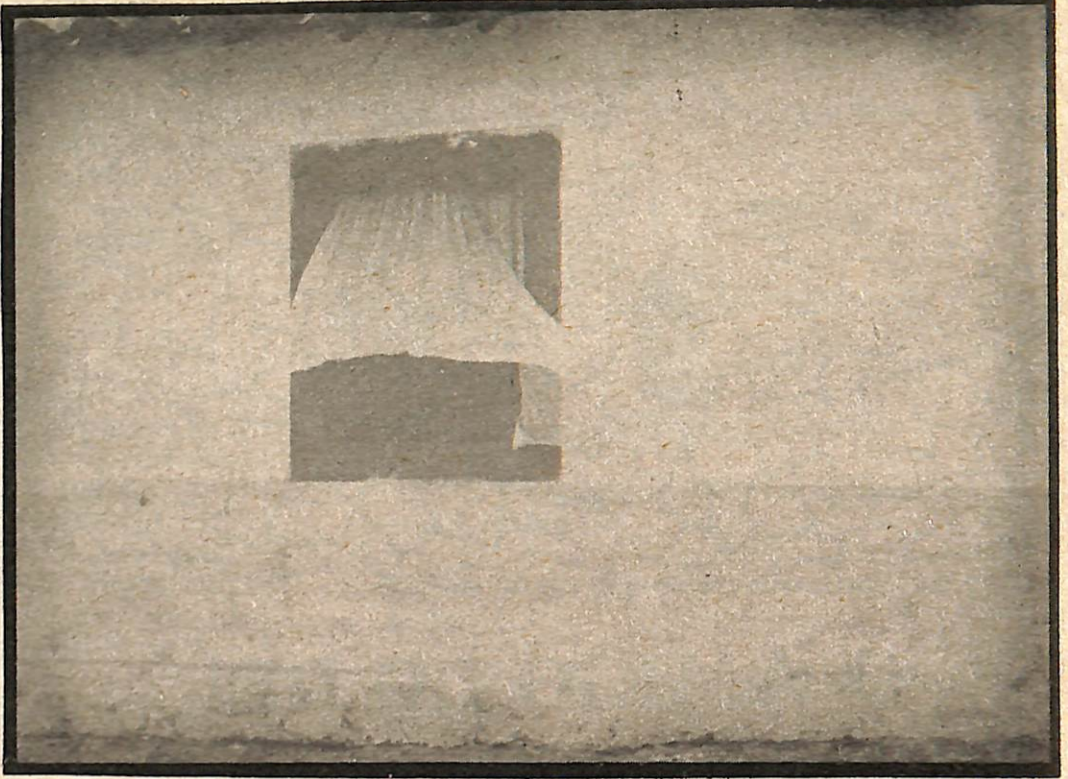
— As classes mais favorecidas acham ainda hoje que caridade é esmola. Elas ainda possuem um sentido de assistência social puramente paternalista. No entanto, num país como nosso, onde apenas 1% das pessoas ganha mais de 10 mil cruzeiros mensais, é importante que essa classe alta deva ser preparada para compreender o verdadeiro sentido da assistência social. Os problemas sociais terão fim quando nossas elites econômicas também forem elites sociais. Por isso, existe um dever dos industriais, comerciantes e liberais em trabalhar para minorar nossos problemas sociais.

Qual a porcentagem da população carente?

— Na Grande São Paulo, cerca de um milhão e 800 mil famílias recebem de 1,5 salário-mínimo para baixo. Em todo o Estado de São Paulo, 30% da população podem ser considerados carentes e 45% vivem em necessidade total.

Percival de Souza

ASSINE
O JORNAL DE 2ª



A PEQUENA ALDEIA DE CARAPICUIBA E A VISÃO DO FOTÓGRAFO.

Incrível, mas na cidade de São Paulo. Grande São Paulo. Quando há missa, às sete da manhã o sino da capela toca. A aldeia é uma praça, uma das poucas que

eu conheci: não aquela dos monumentos, palanques, desocupados — é a praça do chão de terra, dos moleques de rua porque a rua é deles. Da poeira levantada pelas ferraduras dos ainda cavalos.

São quatro fileiras de casas mais a capela. E mais as janelas. Todas as janelas abertas que iam me dizendo sempre: você termina por aqui, mais é agressão. Não, eu não ousaria voltar lá: a minha parafemália de equipamentos, minha roupa tão branca e minha mão tão lisa não têm nada a ver. Aquela gente, conversando sobre as coisas simples da vida, aquela não limitação de lar na linha da soleira,

sem se ter a noção de lar, as crianças na sala de aula que de tão pequena deixava uma porção delas fora, na calçada, porta e janela, não devem parar, mesmo um instante, para a comodidade do meu apertar botões. Para mim, observar e entender o que significa essa aldeia não é mera melancolia: é constatar — apesar das redes globos e dos faraós embalsamados — a ingenuidade, pureza e orgulho dessa gente, os descalços. Não, eu não poderia voltar. A não ser para uma partida de bolinha de vidro — ou para um copo de turbaína no balcão da venda. **Renato Bezzan.**

O FOTÓGRAFO RENATO

O texto e as imagens são do nosso fotógrafo, Renato Bezzan. Cursando atualmente o quarto ano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, começou a fotografar cedo: com treze anos de idade. Diz-se aluno de Paul Strand e Bresson — tenta apreender um pouco mais do que atravessa as lentes e atinge o filme — procura ir mais longe, sem interferir em nada. Fez alguns cursos, o último deles na oficina de fotografia do Museu de Arte de São Paulo, com Cláudia Andujar. Participou de algumas exposições e publicações. Algu-



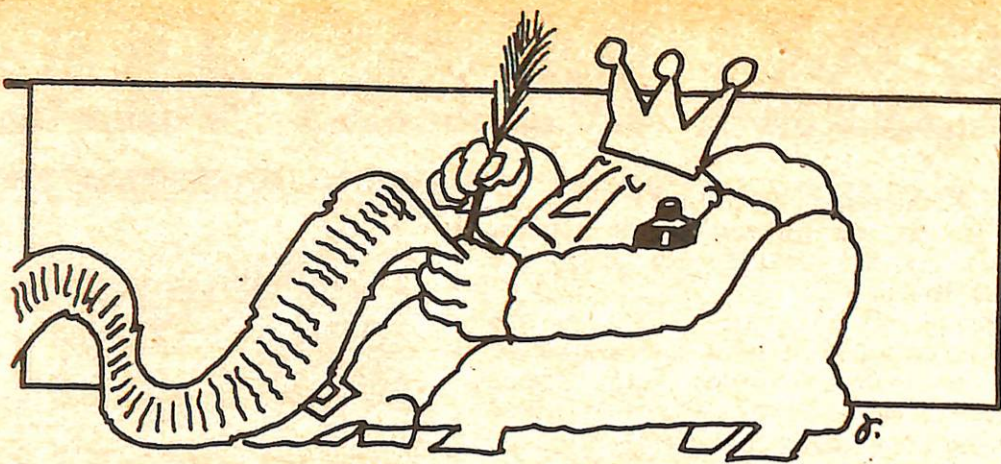
mas das fotos apresentadas fizeram parte da exposição "Grande São Paulo 76" no MASP

Dados técnicos.

Filme — Ilford HP4 "puxado" para 800 ASA

Câmara — Nikon F2

Objetiva — Nikkor 50mm



CARTA DE EL-REY

Meu caro súdito:

Com grandes exclamações, ora de espanto, ora de incredulidade, toda a Corte deleitou-se com vossos vibrantes relatos sobre as novas plagas que percorreis. Mas, enormes dúvidas eivaram a riqueza de vossas informações, transbordantes de fatos nunca dantes imaginados. Como vosso soberano e senhor, tenho a vos solicitar que remetais sem mais tardar novas cartas à Corte para que seja possível vislumbrar com exatidão o que vós presenciais nessa estranha terra.

Há muito para esclarecer e também seria preciso colher informações a respeito de um menestrel, cuja obra acaba de entrar no reino. Aparentemente, o rapaz descende de alguma nobre família dos Países Baixos, visto que porta um Hollanda em seu sobrenome. Sua música difere deveras da executada nos salões do palácio, sem que seja desagradável aos ouvidos da Corte.

Pelo que o Ministro das Informações conseguiu apurar, o artista reside nessa estranha terra em que vos encontráreis. Na música são feitas citações desconhecidas, como cachaça. Descobri o que vem a ser essa bebida que nossa plebe muito precisa, devido aos problemas econômicos porque o Reino passa. O artista de Hollanda garante que a cachaça é essencial para enfrentar todas as crises, se bem que tenha usado outra expressão. Um dos nobres da Corte garante que ela serve para se aquecer o corpo no inverno, refrescá-lo no verão e, sobretudo, dá muita alegria a quem a ingere.

Sobre o estranho futebol, que vós relatastes em vossas missivas, mister se faz que se arranje urgente alguma forma de virem alguns de seus bravos praticantes para ensinar nossos cavaleiros. Há algo muito grave percorrendo as cavaliças dos nossos mais afamados guerreiros.

Dado à popularidade das nossas tradicionais liças, muitos plebeus ousaram aprender a nobre arte de guerra e estão sempre a desafiar a serem desafiados. Mas tudo em troca de polpudas somas. O Palácio já não pode patrocinar, mas se encontrou uma fórmula: aplicar no dorso dos cavalos e nas armaduras vistosos nomes de artesões, à guisa de propaganda, em troca de patrocínio. Não mais se digladiam pela defesa da própria honra, do El-Rey ou até de uma frágil senhorinha nas mãos vis de um padraço ou tutor desonesto. Não, nesses tempos luta-se apenas por dinheiro. Nem a gosto pela nobre arte impele nossos cavaleiros.

Urge também obter informações sobre o caso que passo a vos relatar: nas antecâmaras palacianas o assunto principal das damas-de-companhia e dos cortesões é de que alguns ministros teriam recebido subvenções em troca de favorecer a compra de um tipo de vinho. Antes que algum arauto descontente passe esta nova desagradável ao nosso bom povo, é preciso saber o que as autoridades dessas distantes terras têm feito com relação a

incidentes semelhantes. Talvez achemos alguma solução.

O Reino está precisando de outras medidas que visem contornar nossos problemas econômicos. Como vós sabeis perfeitamente, todo o feno consumido em nossas cavaliças é trazido de reinos vizinhos. Mas, por causa da baixa produção (os ministros culpam as divindades responsáveis pelo tempo) os preços aumentaram exorbitantemente. Pensa-se em recolher provisoriamente uma taxa do povo para compensar a compra, só que os lordes, cuja oposição nos é cerrada, garantiram que nosso povo é pobre demais para dar esse tipo de contribuição. E na verdade, há que admitir tal assertiva. Como vós notais, são obscuros e sinuosos os mares por que tentamos navegar.

Vosso Soberano, agora, tem um pedido a vos fazer: achais conveniente importar um desses milagrosos aparelhos que vós denominastes televisão? Nosso povo teria condições de os adquirir? E qual a vossa opinião, ó leal súdito, sobre ser o citado aparelho conveniente para a segurança das autoridades constituídas e de direito? O povo distrair-se-ia defronte às imagens sem ter tempo de conjecturar e tramam contra o Palácio?

A par dessas amenidades, há algo de muito pessoal (ou deveria dizer real?) no próximo pedido: como convém a todo soberano, tenho suportado estoicamente o casamento real, apesar de Vossa Rainha já há muito ter deixado de ser aquela linda princesa cuja mão me foi concedida. Muito pelo contrário, atrevo-me a dizer, Vossa Majestade, a Rainha, se parece muito com aquelas matronas plebéias, cuja cintura perdeu-se entre os filhos e salientes gorduras. Além disso, muitas temporadas de caça se passaram desde a última vez que ela me concedeu um lugar em seus nobres aposentos.

Um libertino aqui do palácio garantiu-me haver, nessas estranhas plagas, um tipo mestiço de mulher, de pele morena como baunilha e olhos negros como as masmorras. O corpo, bem feito, esguio, seria capaz das mais estonteantes manobras para fazer estremecer o mais endurecido dos corações. Dizei-me se existe mesmo o que acabei de citar.

Atendei-me, ó exemplo de intemorato viajante, nesse desejo de rei e de homem. E se possível o for, consegui-me aposentos em alguma hospedaria para que possa visitar essa terra na época chamada carnaval que, segundo o mesmo libertino segredou-me, é quando surgem de todos os lados aquele tipo mestiço de mulher. Posso, até não tocá-las, mas estou aqui a sonhar como elas serão e como este nobre encarcerado nos luxos palacianos poderia se divertir misturado à plebe.

Com estima,

El-Rey
Carlos Kazuo Inoue
(inspirado em Sandro Vaia)

O manifesto dos intelectuais contra os atos da censura

Os jornais do dia 26 próximo passado deram destaque especial para um manifesto assinado por 1046 intelectuais brasileiros e endereçado ao ministro da Justiça Armando Falcão, contra os atos daquele ministério que "implicam em restrições à liberdade de expressão e constrangimento da capacidade criadora" no Brasil.

Esta é a íntegra do importante documento, sob o qual, coerentemente, assinamos:

"Nós, escritores, jornalistas, professores, cineastas, músicos, artistas brasileiros, abaixo-assinados, tendo em vista a série de atos praticados sob inspiração e responsabilidade desse Ministério, que implicam em restrições à liberdade de expressão e constrangimento da capacidade criadora, denunciaremos, através desse documento, uma situação que nos é imposta, com a qual nos defrontamos frequentemente.

"Sob a alegação de que contêm "matéria contrária à moral e aos bons costumes" ou com outros pretextos, ou sem justificativa alguma, a censura vem retirando de circulação, em escala crescente, um conjunto de obras literárias, teatrais, musicais e cinematográficas.

"Na sequência de inexplicáveis arbítrios, recaiu a Censura, recentemente, sobre os livros "Aracelli meu amor", de José Louzeiro; "Zero", de Ignácio de Loyola Brandão e "Feliz Ano Novo", de Rubem Fonseca, trazendo mais uma vez revolta e perplexidade aos que se dedicam à atividade intelectual no Brasil.

"Nós, para quem a liberdade de expressão é essencial, não podemos ser continuamente silenciados. O nosso

amordaçamento há de equivaler ao silêncio do próprio Brasil, e a sua inequívoca conversão em País que muito pouco terá a dizer brevemente.

"Se vem o governo clamando o povo brasileiro a participar da grandeza da nação, declaramos que esta mesma grandeza também se manifesta através de sua independência cultural.

"Recusamo-nos a abdicar de nossa identidade nacional e da nossa própria memória; repelimos a convivência com a passividade, a apatia, o falso registro da nossa realidade. É necessária a revogação de atos com efeito de caráter punitivo da atividade intelectual.

"Dirigimo-nos a Vossa Excelência para defender os livros censurados e principalmente para questionar um instrumento arbitrário, repudiado pela inteligência brasileira.

"Os destinos de um País não são apenas determinados pelos seus governantes. É preciso consultar constantemente o povo, permitir que, em seu nome, seus artistas possam se expressar.

"Assim sendo, senhor ministro, nós, escritores, jornalistas, professores, cineastas, músicos e artistas brasileiros, abaixo-assinados, aguardamos a imediata revogação dos atos que impedem a circulação de livros, a apresentação de peças e filmes, a difusão de músicas e reprimem a liberdade de pensamento e de criação no País". Belo Horizonte, 26 de janeiro de 1977".

O manifesto dos intelectuais foi levado ao Ministério da Justiça por uma comissão composta por Hélio Silva, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e Jefferson Ribeiro de Andrade.

434-8648



AGORA QUEM MANDA

Não haverá grandes demonstrações de afeto de parte a parte, nesta terça-feira às 11 horas da manhã quando Ibis Cruz passará, protocoladamente, o governo da cidade às mãos de Pedro Fávoro e sua equipe. O ex e o novo prefeitos, embora teoricamente unidos sob a mesma bandeira partidária, têm pouca coisa em comum. Aliás, nada. O estilo bombástico e ruidoso do que sai, dará lugar à pacata e comedida forma de governar do que entra.

Na semana que passou, aliás, a tímida e asseada forma de governar do novo prefeito começou a ser sentida a partir de terça-feira, quando Pedro Fávoro convocou a imprensa para ir até sua casa, uma modesta casa de classe média com as paredes da sala enfeitadas por posters de crianças sorridentes e flores de papel crepon, para ouvir o anúncio de seu secretariado. Nenhuma surpresa na lista, todos antigos colaboradores, todos nomes mais ou menos conhecidos na cidade (veja abaixo).

Depois do anúncio e das poses regulamentares para as fotos com sua esposa dona Vilma e os secretários René Ferrari e Ary Fossen, o prefeito dispôs-se a uma entrevista coletiva. Disse que pretende criar mais duas secretarias, do Abastecimento e da Agricultura ("afinal Jundiá vem mantendo a duras penas a sua condição de maior produtora de uvas do Brasil") e desmembrar a Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo em duas; evidente, Educação e Cultura podem conviver muito melhor juntas, sem a incômoda companhia dos Esportes e do Turismo, e estas vice-versa.

Sobre o Carnaval disse que formará uma comissão para dar "toda ajuda possível" à festa, mas essa "toda ajuda" não incluirá grandes ajudas em dinheiro. E foi a primeira vez que, mesmo no seu estilo tradicionalmente comedido, o novo prefeito permitiu-se a fazer uma vaga crítica ao seu antecessor: "esperávamos ser chamados pelos responsáveis pela atual administração para sermos cientificados do que estava sendo feito, mas isso não aconteceu".

Quando lhe perguntaram quais seriam as prioridades de seu governo, ele disse que a prioridade fundamental será o "saneamento básico" mas sem fornecer pistas mais profundas a respeito dos setores em que se concentrará essa intenção de seu governo. Quanto ao Plano Diretor, como era lógico e esperado, ele o retirará da Câmara "para estudos mais aprofundados".

Pedro Fávoro continuou elegantemente comedido em suas respostas quando lhe perguntaram se haviam sido realizados contatos entre membros de sua equipe e os da administração que sai, para tomar conhecimento do estado das coisas da Prefeitura "Sua Excelência - disse Fávoro, referindo-se a Ibis - colocou à nossa disposição todos os elementos desde que fossem examinados lá na Prefeitura". Naturalmente isso seria um tanto incômodo e "nós não queremos tumultuar a administração que sai". Mas Ary Fossen, o vice, e secretário de Finanças, disse que já fez alguns contatos com autoridades estaduais para conhecer as condições de certos financiamentos, a situação atual deles, e já andou examinando o quadro de projeção do endividamento do município. Se a situação é boa ou

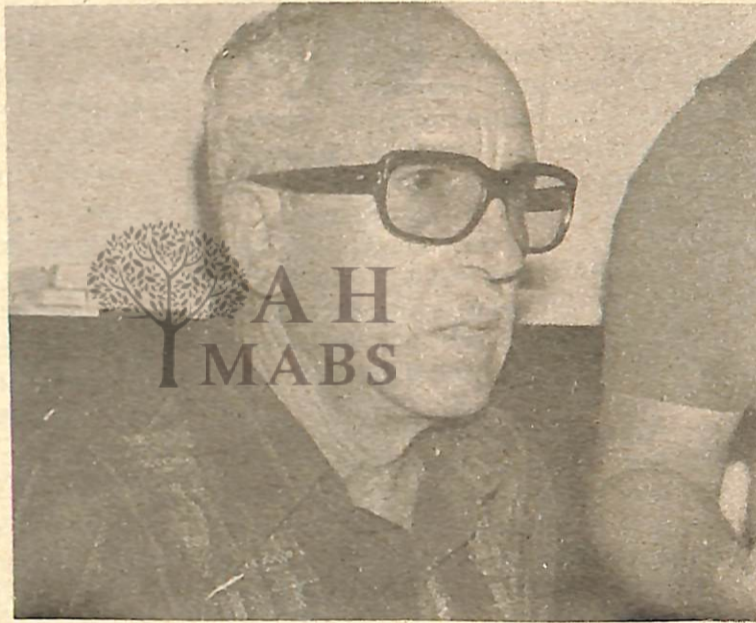
ruim, Fossen preferiu deixar para dizer depois "quando tivermos mais elementos". Aliás, essa foi, sem dúvida, a tônica marcante da entrevista: praticamente tudo fica adiado para "quando tivermos mais elementos".

É o caso, por exemplo, do transporte coletivo, um tema muito em voga, a partir do início da febre racionalizadora, Fávoro admitiu que o transporte coletivo em Jundiá "parou no tempo e no espaço", e que as lindas avenidas do sistema viário não são exatamente um grande auxílio para melhorar esse transporte. "As avenidas são dados de um problema - disse o prefeito - que precisa ser estudado. Precisaremos dar uma destinação a essas avenidas". Embora pareça um tanto escandaloso que um prefeito construa avenidas para que depois o outro estude uma destinação para elas, o prefeito eleito não fez menção a esse fato extremamente singular.

Depois do final da entrevista coletiva, que o prefeito conduziu com um razoável bom humor, ele conduziu alguns repórteres gentilmente até a porta de sua casa, e aconselhou-os, jocosamente e com tapinhas nas costas, para que agora deixassem os seus secretários em paz, "porque eles precisam trabalhar muito".

Efetivamente, a cidade inteira espera que eles comecem a fazer isso, a partir das 10 horas da manhã de terça-feira, quando José Rivelli, o vereador mais votado, der posse ao prefeito, em sessão solene na Câmara. Nesse dia, depois que o prefeito deixar o recinto para ir receber o governo da cidade das mãos de Ibis, na Prefeitura, os novos vereadores terão oportunidade de travar a sua primeira e íntima batalha: a batalha da eleição da mesa. Quando eles terminarem os seus conchavos, e Lázaro de Almeida, ou Elio Zillo (ou até mesmo, quem sabe, José Rivelli) tiverem assumido a presidência da Câmara, a cidade estará totalmente em novas mãos.

Serão tão novas assim?



FOSSEN

Ary Fossen será vice-prefeito e Secretário das Finanças. Tem 40 anos, casado e três filhos. É bacharel em Ciências Econômicas pela PUCC, rotariano, participou do 1.º e 2.º ciclo de estudos da Adesg, e ainda é delegado regional do Sesi desde 67.

Ele já traz alguma experiência em administração, pois foi Diretor da Fazenda na gestão de Walmor Barbosa Martins, de 69 a 72. Ele disse que na época foram realizadas várias reformas de base e entre elas a reforma tributária, e agora espera encontrá-la em melhores condições.

Não tem planos firmados, mas ele pretende adotar uma linha tributária justa, dentro do programa estabelecido durante a campanha. O dinheiro dos impostos será encaminhado para o bem de todos, "não queremos trazer mais problemas, entendendo imposto como o instrumento de regime de justiça" - falou Ary

AFRÂNIO

O engenheiro civil Afrânio Brandão Rebello, Secretário de Obras da nova administração, preferiu não dar entrevista, declarando que nada tem a dizer objetivamente, enquanto não tomar posse.

Afrânio é gaúcho, casado, tem dois filhos e dois netos. É coronel reformado e reside em Jundiá há quatro anos. Durante os três primeiros anos, ele ocupou o cargo de assistente técnico da secretaria de obras de Jundiá e particularmente efetuava cálculos estruturais para projetos de arquitetos locais. Posteriormente deixou a Secretaria de Obras e passou a desempenhar a função de engenheiro da Construtora Jundiá Ltda.

VILMA

A sra. Vilma, esposa do prefeito, há 24 anos casada, é bacharel em Ciências Sociais, trabalhou em serviço, que se aposentou, terá a idade da esposa do prefeito.

Embora não existisse antes, ela não deixou de ser muito contida de trabalho, quer ficar determinada, equipes, para juntar os pontos a toda a...

Segundo não se sabe, as condições financeiras para contratar a Prefeitura, particularmente precisaremos todos os juízes...

Mostrando com o problema onde esteve, ela na casa da dona Vilma, ir direto ao ponto, Eu tenho mais, prefiro não...

BALDRIS

O engenheiro Pedro Rossini ponderará a questão de águas, o panhol, natural, chegou de 20 anos, dois filhos.

Baldris, engenheiro de direção, um curto período de gestão, hoje da Construtora...

Fávoro recebe uma cidade à beira do colapso

O novo prefeito de Jundiá, Pedro Fávoro, tem nas mãos um tremendo "abacaxi" para descascar: a economia e as finanças do município estão à beira do colapso total, no fim dessa catástrofe que se chamou "administração Ibis Cruz".

Os atos absurdos do governo que ora finda podem ser classificados, quase todos eles como bombas de efeito retardado, preparadas para estourar na mão do infeliz sucessor. Os empréstimos imensos foram contraídos com prazos de carência de forma a jogar toda a carga das amortizações, dos juros e das correções monetárias depois da saída do esperto prefeito que gastou como quis todo o dinheiro obtido. Além disso, há que enfrentar o descalabro em que se encontram as autarquias e os órgãos municipais, todos eles em situação aflitiva depois desses 4 anos de desadministração. É o caso, por exemplo, do Hospital São Vicente, hoje completamente arruinado, e cuja

recuperação vai ser, sem dúvida, tarefa de gigantes.

Há ainda um passivo assustador a considerar, que é pouco lembrado e cujas reais dimensões se desconhecem: a liquidação das inúmeras desapropriações ainda não pagas pela Prefeitura. Os casos mais graves de desapropriação, os que envolvem valores mais altos, são justamente os mais difíceis, e que costumam ficar em pendência (a menos que o proprietário, por uma razão ou outra, tenha conseguido negociar com a prefeitura). A solução desses casos em aberto representa encargo vultoso, cujo montante final só o tempo poderá esclarecer.

O Sr. Pedro Fávoro vai encontrar a prefeitura com uma receita apreciável, bem mais substancial do que os magros orçamentos da sua antiga gestão. Preve-se para 1977 uma receita corrente superior a Cr\$ 200 milhões. Mas as despesas cresceram também em espiral vertiginosa principalmente neste

anos de desmando e de megalomania do prefeito Ibis Cruz. Os gastos correntes do atual exercício, excluídos os juros das dívidas públicas, estão fixados em cerca de Cr\$ 150 milhões. Mas este número ainda está sujeito a dúvidas, pois o orçamento foi extremamente manipulado. Uma série de itens, alguns muito importantes, foram reduzidos a valores ínfimos, fração apenas dos gastos atuais. O Jornal de 2ª Feira no seu número 71, de 1 de novembro último, fez uma análise dos cortes efetuados, onde se demonstra que: ou houve um absurdo festival de gastos no apagar de luzes deste malfadada administração, ou prevaleceu o propósito de cercear a ação do futuro administrador. Acreditamos em ambas as coisas.

Em face dos dados capciosos, é difícil prever-se em que nível se situará a despesa do município, no corrente ano. De qualquer forma, a estimativa orçamentária é de apenas Cr\$ 50 milhões de

saldo entre receita e despesas correntes. Com este montante é que se deverá atender a todos os novos investimentos e despesas de capital, e mais os pagamentos de juros e amortizações já contraídas. Há ainda uma previsão de arrecadar Cr\$ 26 milhões por conta do asfalto que está sendo colocado nas ruas, mas este número também pode ser uma fantasia: estarão os municípios dispostos a pagar o asfalto caro derramado pela Gutierrez sobre as ruas já pavimentadas?

Quando se considera que, só de juros e de amortizações das dívidas, estão vencendo Cr\$ 86 milhões já neste ano, percebe-se bem as dificuldades que o prefeito Pedro Fávoro terá pela frente. Mas conhecendo-o como um administrador experimentado, sério e sensato, acreditamos que se sairá bem da empreitada. Podemos mesmo apostar que, com tal timoneiro, a tripulação sofrerá bastante, mas o barco não vai afundar. (FAO)

SÃO ESTES SENHORES:

FIGUEIREDO

Vereador na época de outra gestão de Pedro Fávoro, Moacyr Figueiredo deixa sua profissão de representante autônomo, para assumir a Secretaria de Serviços Públicos.

Moacyr tem 54 anos, é casado e tem dois filhos.



D'ANGIERI

Flávio D'Angieri, Secretário de Educação, Cultura, Esportes e Turismo, é professor catedrático por concurso, foi professor de desenho e artes no Instituto de Educação, no Anchieta e no Senai. É formado projetista e arquiteto pelo Liceu de Belas Artes em 1942. Foi presidente da Cooperativa Agrícola de Jundiá e presidente da CCE, durante a gestão anterior de Pedro Fávoro.

Ele disse que não tem idéia de como vai encontrar aquela secretaria: "É parte administrativa — disse Flávio — precisamos chegar lá e ver o que não está certo para consertar".

A primeira medida a ser tomada por essa secretaria será o apoio ao carnaval, isso dentro do possível, porque não se sabe ainda da verba disponível. Segundo Flávio a verba de 900 mil que o Djalma Zuchetti (assessor de Ibis) disse que havia, não existe.

Os planos de Flávio são os de fazer na Festa da Uva o escritório da Comissão de Turismo e também naquele local uma exposição permanente de produtos daqui. Os pavilhões da Festa da Uva serão usados para o teatro amador e estudantil, e de vez em quando haverá uma roda de samba. Será criado no Ginásio Municipal a seresta, além de se dar total apoio à banda de músicos, biblioteca e museu.

"Fazemos — disse Flávio — um apelo aos jovens, que sempre estão ansiosos, aguardan-

do alguma coisa, para que nos procurem francamente para expor suas idéias e sugerir alguma coisa, o que for viável será feito".



EUGÊNIO

O doutor Eugênio Carlos Ferraz que estará exercendo o cargo de secretário da Saúde, Higiene e Bem Estar Social, tem 27 anos, é formado pela Universidade de São Paulo há três anos e é estudante de psiquiatria.

Em companhia do atual secretário da Saúde, tem visitado alguns postos e unidades de serviço médico, mas segundo ele, foram visitas superficiais que não lhe permitem fazer qualquer análise das condições de assistência médica em Jundiá. E acrescenta:

— Pudemos verificar fragmentos de uma realidade, portanto desconhecemos em nível oficial essas condições.

Quanto ao futuro, ele considera uma irresponsabilidade assumir compromissos diante da falta de dados.



RENÉ

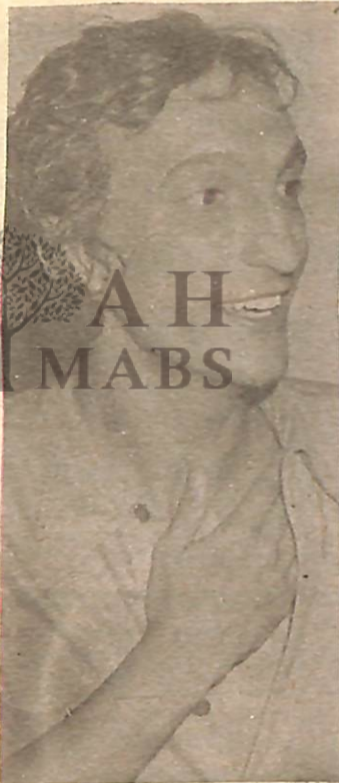
René Ferrari será Secretário dos Negócios Internos e

Jurídicos do município. Tem 38 anos, é casado, tem 2 filhos. É advogado formado pela PUC, sendo também técnico em administração pública.

Ele ingressou no serviço público municipal com 13 anos como auxiliar de escriturário, depois passou a escriturário, assistente técnico e diretor administrativo, além de exercer advocacia empresarial.

Como procurador jurídico da administração Ibis Cruz ele conhece bem sua estrutura, e a parte administrativa, por ser técnico é obrigado a "estar por dentro" como ele mesmo diz.

"Temos várias pressões — disse René — uma delas é a diminuição do número de funcionários. Implantaremos também novos planos de trabalho e principalmente a estrutura das secretarias. Além disso, chamaremos a responsabilidade administrativa para a parte jurídica".



PEDRO JR.

Um dos três assessores do Gabinete do Prefeito é Pedro Fávoro Júnior, cuja função não será específica — ele irá assessorar o pai em tudo o que for necessário.

Pedro falou que a princípio não queria aceitar o convite, e explica:

" Poderia repercutir de forma negativa, mas conversamos bastante e meu pai me convenceu de que eu seria alguém de confiança que estaria a seu lado, além disso tenho trabalhado junto e auxiliado bastante meu pai nos assuntos particulares. Ainda, sob o aspecto prático, estou fazendo Comunicações, o que acredito será muito útil. Dessa forma, não havendo nada de imoral ou ilegal aceitei o cargo".

Pedro tem 23 anos, fez o 3.º ano de Comunicações na Faculdade Armando Alves Pentead, já trabalhou

em contabilidade, foi agente do IBGE e atualmente é free-lancer de "Mercado e Revista". Em termos de assessoria essa será uma experiência nova: "vai ser uma roda-viva, mas eu espero corresponder".

Quanto à situação em que está o Gabinete, Pedro ainda não tem nada de concreto, devido às dificuldades que a antiga administração impôs. Por enquanto ele tem acompanhado os trabalhos da equipe do pai, nas reuniões em sua casa.



SÍLVIO

Silvío da Silva Tavares será assessor de Gabinete do prefeito Pedro Fávoro, seu antigo colega de escola. Suas funções, até a semana passada, ainda não estavam perfeitamente definidas, algo assim como responsável pelo setor de protocolo e relações públicas, arricou Silvío a dizer.

Esta será a primeira vez que ele participa diretamente da administração municipal, apesar do convite que recebeu de Fávoro por ocasião de sua primeira gestão. Como agora já não tem mais o problema de tempo, devido à aposentadoria que está chegando, Silvío aceitou o convite, mas não sabe ainda o que o espera:

— Pelo que se comenta, a situação não é nada boa. Mas com um pouco de sacrifício de todo mundo, será possível fazer um governo apropriado para esta cidade.

Ele diz que se identifica muito com o estilo de política de Fávoro, porque o prefeito "representa sem alarde" e governa com humildade realizações.

Silvío, (45 anos, casado, quatro filhos) formou-se contador em 1954, no ano seguinte habilitou-se como professor, fazendo um curso de Pedagogia em 56. Desde 1950 é funcionário do IBGE, ocupando atualmente a chefia da

agência de Atibaia. Além disso, leciona Estatística no Colégio Rosa.



PANIZZA

Antonio Fernandes Panizza será o coordenador de planejamento do município. Tem 41 anos, casado e três filhos. É arquiteto, formado pelo Mackenzie e professor da Faculdade de Arquitetura da PUC.

Ele já trabalhou várias vezes na Prefeitura Municipal. De agosto de 60 a maio de 62 foi assistente técnico da Diretoria de Obras; na administração anterior de Pedro Fávoro, ele era Diretor de Obras, quando se desligou para poder se dedicar exclusivamente ao Plano Diretor Físico e Territorial de Jundiá.

Por concurso realizado, ele assumiu o cargo de assistente técnico efetivo, função que exerceu durante todo o mandato de Walmor Barbosa Martins. Mesmo no início da administração Ibis, foi Diretor de Planejamento durante três meses, desligando-se depois.

"Quanto aos planos, é difícil dizer agora" — comentou Panizza, "mas a despeito de um quadro funcional exageradamente ampliado, a administração que se finda fez com que suas realizações se apoiassem totalmente em estruturas externas às da Prefeitura. Esses serviços não poderão cessar, deverão passar ao completo domínio dos órgãos da Prefeitura e como se vê, a par de uma diminuição necessária do número de funcionários, haverá um aumento de encargos do pessoal do quadro".

OS SECRETÁRIOS

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA

Depto. de Lentes de Contato de procedência alemã - Gelatinosas

RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, 1012
Fones: 434-7363 - 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE



Décio

SAUNA CENTER

Sauna - Ducha completa - Banho de parafina - Forno de Bier - Massagens - Ginásticas - Limpeza de pele - Depilação - Manicure e Pedicure.

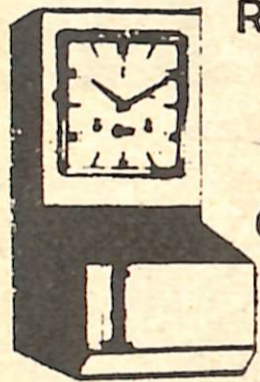
HORÁRIOS

Cavalheiros: 2a., 4a. e 6a., das 14 às 22 h

Sábados - das 9 às 22 h.

Senhoras: 3a., 5a., das 14 às 22 h

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 495.



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
**COMERCIAL PANIZZA
LTDA**

BARAO-427 FONE-6-8231

Advocacia

dr. Ademercio
Lourenção

dr. Alcimar A. de
Almeida

dr. Francisco V.
Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS
N-578 LINDAR
EDIFÍCIO MARUJ

FOTO LUIZ

Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

FOTO GELLI

Rua do Rosário, 334
Fone 4-2253

NOVIDADES

Charme
CALCADO,
ROSA, O 622

XEROX
também
é com o
**FOTO
ZEZINHO**
RD AR D 572 FONE 6-3735

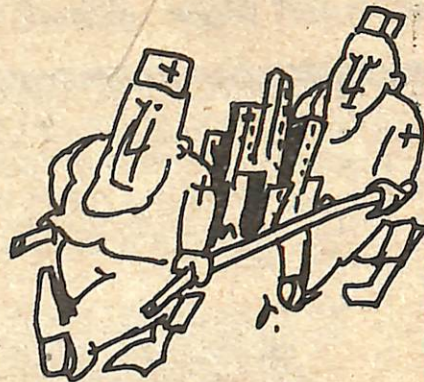
ZONA FRANCA



POR QUE NÃO ACERTAM ESSE RELÓGIO?

Não é de hoje que tenho observado o relógio da Igreja de São Benedito parado. Se acertassem, seria uma boa, ainda mais agora, com a rodoviária (sic) em plena expansão, ali perto". Sílvio Hamlet Schneider

Caro, Hamlet, há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia. Tentamos descobrir na igreja, mas parece que nem o telefone deles está funcionando, quanto mais o relógio.



CIDADE DOENTE

Sr. Tenho acompanhado as Análises a respeito do problema médico-hospitalar na cidade e acho que vocês têm razão do mau estado da Saúde em Jundiaí, aliás, no Brasil. Mas acho que existem denúncias mais sérias que nunca foram abordadas. Por que? Wilma C. Bellardi.

Porque a maioria das vítimas desses problemas só topa fuxicar, mas na hora de vir até aqui e botar a boca no trombone tem medo. A senhora, Dona Wilma, tem algo a declarar? Estamos de páginas abertas.

LANTEJOULAS

Sr. Estão muito boas as capas coloridas do "Jornal de 2a.". Um esclarecimento: esse semanário é mesmo impresso em off set? Durval Campos Soares (Valinhos)

Alô, Valinhos, alô Durval! Pois é, somos mesmo feitos em off set, embora não nos consideremos exatamente pertencentes à tal de "nova era". Grácias pelo elogio, que já foi devidamente encaminhado ao Denardi.



QUESTÃO DE GOSTO

Sr. A caricatura do dinâmico prefeito Ibis Cruz, na capa do n.o 83, não estava muito fiel ao homem, na minha opinião. José Monteiro.

Caro José, pelo jeito você não entende nem de caricatura, nem de prefeito. Mas tudo bem.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 Oferta Central de Imóveis

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. Oferta Ribeiro

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Centro - Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitechen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. Oferta Ribeiro

Jardim Cica - Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 Oferta Ribeiro

SÍTIOS E CHÁCARAS

Mogi-Guaçu - 1.00 m2 fazendo fundos com o Rio, ótimo para pescar, local de muitos peixes, inclusive um bote para pescaria, casa com 3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, toda mobiliada, televisão, jogo de boccie, bilhar, abrigo para 2 carros e diversos pés de frutas, a 300 metros do asfalto. Preço: Cr\$ 300.000,00 de preferência faz permuta com terreno na Vila Arens. Oferta Ribeiro

Engordadouro - com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de ocasião. Oferta Ribeiro

Jundiaí-Mirim - 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia, Ape-

nas a 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00 Oferta Ribeiro

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite vestíbulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada.

Cr\$ 1.800.000,00 Oferta Central de Imóveis.

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

**RIBEIRO
IMÓVEIS**

administração
e venda

rua Maj. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



A REVOLUÇÃO

"Fico ali respirando o cheiro bom de estrume,
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme.
E quando, por acaso, uma mijada ferve.

Seguida de um olhar não sem malícia e verve,
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma".

(Soneto de Intimidade, Vinicius de Moraes)

A noitecera. O caboclo Faustão e Raquel, prenhe de quatro meses, encostados ao poia do fogão, recordavam. Num puzeram reparo que a dor funda, apequenando o coração, se chamava saudade. Lembranças: no cavaquear pausado ponteavam os vazios de eloquente silêncio. Recordavam a faina diária na tiração do leite, a vaca Brazina despropósito de brabeza, quantas veizadas não derrubara o balde? E a chifrada então que o Tiziu — negrinho satanais aquele — levava no rabi-có? E o Relojo, boi danado de bom, quem ganhava dele na chatanuga? E o Muleque, burrão cinza que nem a a boca da noite, nenhum cavalo ganhava dele, trotão duro, na corrida de raia da subida do tira teima. E o meu zanho, intão, rancando faísca no rampão das ferraduras, no largo da matriz? O leite com farinha-de-milho, o queijo meia-cura, lisão de gordura, haverá d'existir gostosura mais supimpa? E assado no garfo intão, no braseiro do poia, inziste gostosura mais grande?

Vítimas do êxodo rural, tinham vindo prá São Paulo, corria a eitadados 20, estavam no sombrio ano de 1924. Ano merdoso aquele, em que o governo sabia tudo e não sofria nada e o povo sofria tudo e não sabia nada. As notícias nas ruas eram contraditórias; estralava por todo canto, de boca-no-ouvido, uma boateira sem fim. Naquela boca de noite aparecera o Zé-Língua-de-Vaca, língua mais áspera não existia, sabia de um tudo, da sua boca boato brotava mais depressa que broto de taquara-poca, vinha dizendo que não, não se importasse co'a carestia da vida, que as greves iriam endireitar tudo, qu'esperassem pelo revertere, que o governo ia piar fino, qu'ele sabia até que um grupo de estranjas iria invadir a cidade, que os intaliano tavam quereno fazer ali a pícola itália, que tomassem tento qu'iria até haver recrutamento entre os paisanos.

— Pére aí, qu'isso não! Querem qu eu me aliste? Tá pr'océ! E meteu a mão em concha na altura do entre-as-pernas —era o Everardo, fulo da vida: Que que ôce diz, Faustão?

— Acho qu'eles estão sempre no bem-bão, cumida e bebida scorreno prá zoreia e nós aqui, ó — com o indicador e o polegar da mão esquerda fez uma rodinha, mostrando. E continuando: Por que qu' intão eles num distribue um pouco?

Er'assim. Havia, à noite, quem tiritasse de frio, tinha os que de dia rabiavam de fome, estavam aos poucos se tornando prisioneiros da caridade, despídos de vãs piedades queriam salvar-se. Nem argúcia precisava para sentir qu'estava nas ruas a revolta do pauperismo.

Que não s'incomodassem — afirmava Everardo — qu'estava perto a

hora que os ricos seriam apeados e eles, pobres, seriam os ricos.

Como é que pode sê isso, avança no aieio? estranhou Faustão.

— Ué, na Rússia é ansim, chama...

— Ah, vá! Maluqueceu? Que rico que vai dexá?

— Ué, na marreta, no muque nós divede tudo. Greve. Se ocê num trabaia, quem fáis?

E as greves começaram. Primeiro, foram os operários da Crespi. Em seguida os do Maratarazzo; e logo os da Gamba, Penteadado, Labor, Junta Santana, Anglo-Brasileira, Maria Zélia, Bucharias, Guglielo Giorgi, Bernachi, Amiagem Paulista, e os outros.

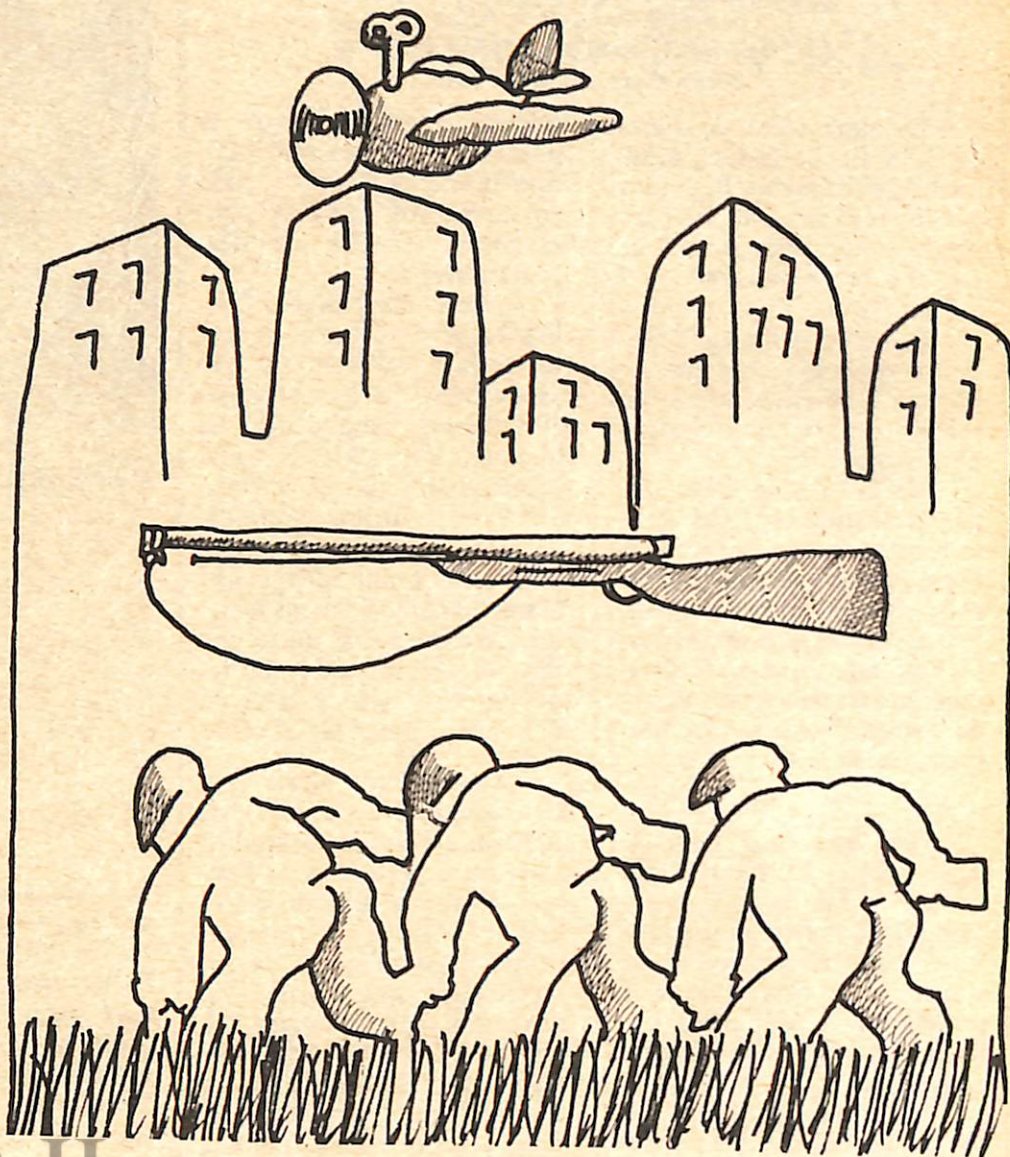
De um lado, os empresários possessos ululando pela disciplina, estavam perdendo dinheiro, exigiam o retorno do mando e obediência. Exigiam ordem para os operários e progresso para eles. De outro lado os operários no desespero. Já não havia nem o que comer. E greve; uma em riba da outra. E nem por isso a cidade parou. A população, que em 1910 fora de 375 mil almas, passara a 648 mil em 1924. O ritmo de construção passou de duas casas por hora, em 1923, a duas, casas e meia em 1924.

E aí, acho que num julho brabo de frio (ou seria junho? Deixa ver: Maria nasceu em janeiro, com seis meses tava com tosse comprida... é, acho que foi junho... ou julho?), veio a tal de revolução. Como é que o povo sabia qu'ia acontecer? Mistério. Eu sei é que nem bem estralou o primeiro tiro, o Presidente do Estado, Dr. Carlos de Campos, s'escafedeu, nem té logo disse. Ond'ele 'steve nunca ninguém soube. Tempo de manifesto todo dia, do enfurnado Presidente nem um piu. Os revoltosos tomaram a cidade em um dia. Ficaram aquertelados ou bivacados na Luz e Campos Elíseos. Aí o governo mandou suas tropas, os legalistas. Ficaram acampados na Penha e no Ipiranga. O bombardeio dos legalistas, do Ipiranga rumo à Luz, arrasava o bairro da Liberdade, o Glicério e o morro do Piolho. Os legalistas da Penha acabaram com o Belenzinho e o Braz, graças à técnica da sua engenharia de tiro. Cada canhão que se ouvia, per la madona, era só têia que avoava, a rua São Caetano ficou qu'era caco só.

E a artilharia pesada dos revoltosos, mirando pras bandas da Penha e do Ipiranga, arrasou o largo São Paulo, Glória, Lavapés, Cambuci, várzea da Moóca. Tentando atingir a Penha, seus obuzes acabaram com a baixada de São Jorge, mataram peixes na lagoa da Coroa, e nas chácaras de verdura não ficou nem um pé de alface.

Civis feridos, muitos; mortos, mais de quinhentos. Morreu paisano mais do que galinha no Natal.

E soldados, qu'eu saiba, não morreu nenhum. Prá não dizer que não morreu nenhum, na verdade



morreram cinco. Vamos contar nos dedos: dois morreram de faca no imbigio numa tasca de tavolagem na rua Lavapés, num carteadado de scoppa ou de tre-sette, não lembro bem; outro, amigo íntimo da birita, morreu do fígado numa sarjeta da rua Sinimbu, em frente de uma birrosca mal frequentada. O quarto morreu por engano. Fora passear na rua Amador Bueno, de má vida, e uma granada pegou-o no largo Paissandu, onde é hoje a Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos. O comentário de um mulato, linguajar paulistanaitalianado, na corrida prá s'esconder:

— Puta la merda, siamo tutti funicate, inté sordado tá morreno!

Como as fardas de legalistas e insurrectos eram iguais, cáqui e verde, nunca ninguém soube de que lado eram os tais.

O quinto soldado — ah, o

quinto! — foi visitar a amante, que matar civis tava certo, mas a seco, isto é que não, que meganha não é de ferro, e lá foi ele prá casa do leiteiro, que amante de soldado é sempre mulher alheia, também civil é que lhe paga mulher, só nesta hora é que civil é coronel. Mas aconteceu que naquele dia (ou noite?) não houve leite, as vacas também estavam de greve, e o leiteiro voltou cedo. Ao barulho do marido voltando, o praça vestindo às pressas — vlum! — pela janela. Mas esqueceu que estava no segundo andar. Causa mortis: inanição. O diabo do andar era tão alto qu'ele morreu de fome no caminho...

Data dessa época — dizem — a obrigatoriedade de escadas externas de salvamento. Incêndio? Não. Segurança em caso de revolução.

Revolução? Sim senhor.

O Bartimeu

ASSINE
© JORNAL DE 2ª

disque: **434-8648**



Em experiência, os jovens imortais.

Fundada a há quase um mês, a Academia Juvenil de Letras e Artes de Jundiá, está em experiência, como disse sua presidente.

De uma idéia de Luiza da Silva Rocha Rafael, presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá, surgiu a Academia Juvenil de Letras e Artes, fundada em 7 de janeiro de 77. Sua presidente, Maria Cristina Cásti- lho de Andrade disse que os principais objetivos são o incentivo da arte e a promoção de novos valores.

Maria Cristina falou que por enquanto é muito arriscado dizer o que se pretende fazer, "antes queremos contar com alguma coisa nas mãos. No dia 11 de fevereiro haverá uma reunião e aí tentaremos um trabalho interno onde aparecerão idéias e as mais viáveis serão feitas".

"Por enquanto não temos sede - afirmou Maria Cristina - mas o novo presidente do Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, nos ofereceu aquele local para a sede e propôs ainda um maior entrosamento da Academia com a biblioteca".

De acordo com o estatuto, a idade média para o ingresso na Academia é de 12 a 25 anos. Atualmente possui 25 integrantes, mas pretendem chegar a 40 membros e para isso faz convite a todas as pessoas que queiram in-

gressar na entidade para se inscreverem à rua Barão, 403, casa de Luiza Rafael e onde por enquanto estão se realizando as reuniões da Academia Juvenil.

Como disse Maria Cristina, esse é um ano de experiência e os membros que produzirem, os que propuserem alguma coisa dentro da literatura e das artes em geral continuarão na Academia.

Para o futuro, a entidade pretende fazer um jornal, onde serão publicados os melhores trabalhos de seus membros, e das pessoas que quiserem se corresponder, aqueles que tiverem alguma coisa válida que se relacione as artes.

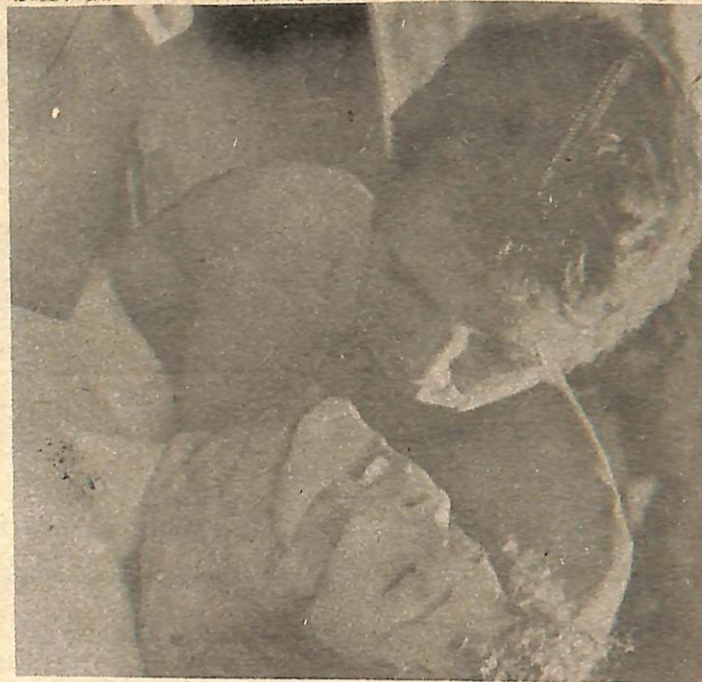
A presidente Maria Cristina, depois de eleita pela Academia Feminina, escolheu mais onze pessoas para fazerem parte da diretoria: Eva Cristina Brunelli, vice-presidente; Maria Inês Guarda, 1a. secretaria; Elaine Cristina, 2a. secretaria; Suzete Duarte, 1a. tesoureira; Vasti Atique, 2a. tesoureira; Mônica Adolpho, relações públicas; Carmem Amélia Ramos Lara, oradora oficial; José Roberto de Araujo, bibliotecário e arquivista. Do conselho fiscal fazem parte Elaine Belini, Deborah Pedroso de Moraes Dobretchi e Carlos Estevão de Godoy.



Maria Cristina: "este é um ano de experiência"



Jodie Foster, em "Táxi Driver". Os amores de la Kristel, no Ipiranga.



Estão anunciando Taxi Driver, outra vez. Você acredita?

Antes mesmo de ser apresentado em Jundiá "Táxi Driver" bateu um recorde: foi o filme mais vezes anunciado e retirado de cartaz em seguida, aqui na cidade. A história se desenvolve na Nova York de nossos dias: um solitário combatente da guerra do Vietnã, para combater (força do hábito) sua insônia, decide trabalhar como motorista de táxi, durante a noite. O filme, com Robert de Niro no principal papel, ganhou vários prêmios, entre eles o Oscar. Agora está sendo anunciado outra vez em Jundiá, para o período de 31/1 a 2/2, no Marabá. Mas vamos falar de coisas mais sérias:

As Meninas Querem e os Coroados Podem - Mais uma das chamadas pornochanchadas que certos produtores dizem fazer porque dão dinheiro. Aqui, duas estudantes de psicologia fazem pesquisa sobre homens de todas as idades. Entre os pesquisadores está um médico, tio de uma delas. Com Maurício do Valle Mário Benvenuti, Carlos Imperial, Rodolf Arena, Marivalda, Neide Ribeiro e Sula Sales, De 3 1 5/2, no Marabá.

Pelos Meus Direitos - Tom Hunter (Peter Fonda), depois de seu fracasso matrimonial e desiludido com a vida da cidade, volta a Arkansas com seu filho. Hunter e Dylan são bem recebidos por seu pai e avô, Jeff, que lhes mostra as muitas mudanças da cidade. O grupo Cabtree, em comum acordo com um ambicioso senador, está transformando aquela comunidade num "progressivo" complexo industrial (deu para lembrar de algum conhecido?). Hunter convida sua ex-noiva e o irmão, Charlie, e sua cunhada Carolee para jantar. Estranhando o atraso do irmão, Hunter sai à sua procura e presencia a... esgotada a conta de dois cruzeiros (preço da capa) para que contemos o filme. O jeito é ir ao Marabá, no dia 6 de fevereiro.

O Sexualista - Outra pornochanchada com as mesmas de sempre: mulheres quase ou nuas, homossexuais, malandrags. Ah, mas a produção é bem cuidada. Agildo Ribeiro é um "intelectual" desempregado, enquanto espera pela fortuna do tio, do qual é o único herdeiro. Aí ele prepara um dicionário com verbetes que di-

zem respeito exclusivamente ao sexo. Ainda contém Cazzaré e o travesti Rogéria. De 31/1 a 3/2, no Ipiranga.

Dias de Ira - Produção conjunta Itália-Alemanha, 1967. Scott, humilhado por ser filho de prostituta e de pai ignorado, faz amizade com um famoso pistoleiro. Frank Talby, que é o seu ídolo e lhe ensina a arte de manejar o colt. Os dois conquistam uma cidade e, quando Talby volta a matar, Scott volta-se contra seu mestre. O resultado é um duelo por toda a cidade. Final surpreendente. Com Giuliano Gemma, Lee Van Cleff e Christina Linder. Dias 4 e 5 de fevereiro no Ipiranga.

Júlia e Seus Homens - É a versão idiótica, isto é, idiota e erótica (quando é estrangeiro, não é pornô: é erótica) de "Romeu e Julieta", tendo por tema o caso de um adolescente que se apaixona pela amante de seu pai. Com Silvia "Emmanuelle" Kristel (já saiu na Status) e Jean-Claude Bouillon. Tudo indica que o filme foi feito para explorar a fama erótica de Silvia Kristel. Dia 6 de fevereiro no Ipiranga.

PREPARE SE
PARA VER
DE NOVOS
SERIADOS
DE FLASH GORDON

A idéia foi de uma distribuidora carioca: a partir deste mês (fevereiro) serão reapresentados os seriados de Flash Gordon, atualmente com razoável frequência apenas em cineclubes e cinemas.

A primeira série a ser lançada são os doze capítulos de "Flash Gordon Conquista o Universo", realizados em 1940 por Ford Beebe e Ray Taylor. As viagens incríveis de Larry "Buster" Crabbe e sua companheira Carol Hughes (Dale) poderão ser repetidas a seguir com "Flash Gordon no Planeta Mongo", que a distribuidora está pensando - erradamente - em unir para formar um único longa-metragem.

Na "Conquista do uní-

verso" a Terra é assolada por uma epidemia mortal, a Praga da Morte Vermelha. Flash, Zarkov e Dale Arden pegam uma carona no foguete de Zarkov para a estratosfera e descobrem que o cruel Ming, o ditador do planeta Mongo, é quem está derramando o pó mortífero sobre a atmosfera terrestre, como parte do plano infame de conquistar o universo. Impõe-se, então, a ida urgente de Flash Gordon às gélidas terras de Frígia, onde ele poderá obter "polarite",

o único antídoto conhecido contra o mal.

São cópias novas de 35 mm e sob a forma original de seriados semanais.

Por enquanto, as apresentações serão no Rio, mas logo os seriados chegarão a Capital e, quem sabe, a Jundiá, para alegria dos que acompanharam os seriados nos anos quarenta e cinquenta. Depois das trocas de gipi na entrada do cinema, é claro.



O imperador do Mongo volta



Maysa entre nós.

Quando ela cantou pela primeira vez na televisão já havia uma certa cascata, feita em torno de seu nome, pelos jornais. O que garantiu, possivelmente, mais audiência. Mas não foi responsável pelo sucesso dela, com sua voz rouca e seus olhos verdes enormes: todo mundo gostou de ouvir "Ouça" na voz da milionária Maysa Monjardim Matarazzo.

Para os papais, mães e tias, a moça gorda e bonita cantava com uma certa tristeza que os comovia (talvez a mesma tristeza que eles carregavam escondida, pequenas cicatrizes que a vida lhes legara e os impedia de mostrar abertamente).

Para os mais jovens, Maysa era a fossa em seu esplendor mais notável, a fossa existencial, a fossa que se chorava nos quartos de dormir e não nos bares. Maysa era o fim da fossa.

De repente, o mundo de Maysa caiu. Ela deixou os sobrenomes endinheirados e passou a ser simplesmente Maysa, vista quase sempre nas casas da noite em companhia de jovens boêmios, citada de vez em quando nos "gossips" mais maldosos ou crítica moralista-mau-caráter.

E Maysa deixou de ser a moça gorda, bonita e triste do papai, da mãe e da tia: ela já não prestava para eles. Mas continuou a ser a nossa musa.

Em 1960, no auge do Canal 7, Maysa tinha seu



programa semanal às sextas-feiras, "Convite para ouvir Maysa". Nesse mesmo tempo, havia um jornal diário, "O Jundiense", que foi a São Paulo cobrir o programa de Maysa.

Num dos mini-estúdios que a Record matinha (mantém?) no Aeroporto, lá estava a "gata" Maysa, perguntando ao camera-man "Hoje vai ter olho?" (os programas de Maysa abriam e encerravam-se com um close dos verdes olhos enormes).

Maysa cantou, bebeu nos

intervalos (inclusive bebeu num troféu de prata que decorava o set, todo inspirado em badulaques ligados ao hipismo) e deixou-se fotografar pelo nosso fotógrafo Rigo Sanguni, um garotão que morreu cedo demais, como Maysa.

Nossa homenagem à cantora vai aqui, na foto de Rigo. É bem possível que eles estejam juntos curtindo lembranças de um tempo tão antigo quanto a morte que os levou. (E.M.)

JORNAL DO DISCO

O ressurgimento do choro, graças a Paulinho da Viola.

"Memórias - Chorando", de Paulinho da Viola não chega a vender tanto como seu outro Lp, "Memórias - Cantando" (os dois foram lançados simultaneamente, no começo do ano); mas a procura tem sido muito grande, e não é exagero dizer que Paulinho da Viola se torna, assim, um dos principais responsáveis pela volta do "chorinho", ritmo que chegou a ser considerado praticamente extinto.

Lançado pela Odeon, "Memórias - Chorando", contém um encarte em que Paulinho explica faixa por faixa e porque as músicas foram escolhidas.

Os principais destaques vão para "Cochichando", de Pixinguinha e "Inesquecível" do próprio Paulinho da Viola, feita especialmente para bandolim (uma homenagem a



Jacob). Só que, nesse disco, a música é tocada em piano. (Sério Cabral conta em sua coluna no Globo que perguntou a Paulinho por que não incluiu o bandolim e ele respondeu que o pianista Cristóvão ficou tão bem que achou melhor deixar como está).

Um ótimo disco para quem quer matar saudades desse ritmo gostoso que é o chorinho.

LADO A

Freddy Martin e Orquestra - Muitos mafiosos já tiveram o prazer de dançar ao som da orquestra de Freddy Martin, na década de 30. Ele é um arranjador americano que se especializou em misturar temas clássicos com o popular. Da RCA, álbum duplo com valsas austríacas, italianas e francesas.

Aurora - Da Atlantic-WEA, com Jean-Luc Ponty, integrante da Mahavishnu Orchestra, de John McLaughlin. Para os admiradores do jazz-rock.

Bateria Nota 10 - É o sexto volume de uma série de Top-Tape com as baterias dos principais escolas de samba do Rio. Esta edição é dedicada à bateria da Padre Miguel. São quatro faixas: "Cavaquinhos Vadios Comandando o Ritmo"; "Bateria em Cadência"; "Bateria Fantástica" e "Ouriço dos Tamborins".

18 Sucessos de Ouro - Outro lançamento da Top-Tape, com "Tu T'En Vas" com Alain Bernard; "Paloma Blanca", com The George Vutcher Assortment; "All By Myself", com Marty Rivers; "Love me Like a Lover", com Helen Green; "Sailing", com James Hill, etc.

Nostalgia - Uma gravação belga, com o violão e a orquestra de Francis Goya: destaque para "The French Song", "El Rancho", "The Black Forest", "Lost Paradise", e "Canal Grande".

LADO B

The Allman Brothers Band - Lançamento Phonogram. Álbum duplo intitulado "The Road Goes On Forever", que pode ser considerado um documento dessa banda de rock, reunindo gravações feitas entre 1968 e 1973. Esse é que é o problema: sendo duplo, o álbum é caro, mesmo porque quem acompanha os lançamentos de rock deve ter algumas músicas incluídas nesses dois discos da Allman Brothers Band (se não tiver é uma omissão imperdoável). "Black Hearted Woman", "Dreams" e "Wipping Post" são do primeiro Lp; "Midnight Rider" e "Hoochie Coochie Man" do segundo L, são consideradas as melhores músicas do repertório.

Deus Ihe Pague - Odeon, diversos intérpretes. Um clássico do teatro de costumes brasileiros dos anos 30 foi transformado em comédia musical em 1976 e agora surge o LP, para os que não puderam assistir o espetáculo ou quiserem guardar uma recordação. Músicas e declamações misturadas. Marília Pera, Nadinho da Ilha, Marco Nanini, Margot Britto, Sidney Marques, Ronaldo Resedá e Walmor Chagas, cantam e declamam os números compostos por Edu Lobo e Vinícius de Moraes.

Druid-Fluid - Para quem gosta do estilo do conjunto "Yes". Druid é um competente grupo inglês, com boa técnica vocal e instrumental, mas prefere trabalhar em cima de um estilo de música que nem o Yes suporta mais fazer.

Jornal do Livro

Tia Zulmira de volta, graças à Codecri.

Máximas Inéditas de Tia Zulmira - Editora Codecri, 112 páginas, Cr\$ 30,00 - Dizer que Sérgio Porto - ou Stanislaw Ponte Preta - está morto, depois do lançamento destas "Máximas", é uma grande mentira. Ele está mais do que vivo, através de Tia Zulmira, com seus temas prediletos - samba, povo, futebol, televisão. Uma das jóias deste livro: "Coisa triste é largar a mulher e ficar morando em frente". Outra, mais para quem gosta de trocadilhos: "Quando vejo um afeminado musculoso, tenho vontade de criar um ditado novo: a ordem dos fatores não halterofilistas". Mais uma: "Combater os cantores de boleros e guarânias nacionais, os cantores de versões do que há de pior em música americana, os cantores de falso tango brasileiro, não adianta nada. Eles existirão sempre, pois não há na-

da mais autêntico do que mau gosto. Nem mesmo o bom gosto, porque a este alguns aderem por atitude". "Máximas Inéditas de Tia Zulmira" tem apresentação e ilustração de Jaguar e prefácio de Sérgio Cabral.

CATÁLOGO

O Negro na Luta Contra a Escravidão - Editada Cátedra 353 páginas. Cr\$ 35,00. Ensaio de Luiz Luna.

Confesso que Vivi - De Pablo Neruda, tradução de Olga Savary. Difel. 363 páginas. Cr\$ 97,00.

As Sete Irmãs - De Artenova. 358 páginas, Cr\$ 75,00. De Anthony Sampson. Informações - não racionalizadas - sobre o petróleo. Detalhe: sob o título há vários elogios ao autor, publicados pelo jornais norte-americanos só que estes elogios são a outro livro dele, um estudo

sobre a ITT.

Berço de Ouro - De John Steinbeck, Distribuidora Record (Cr\$ 45,00). A vida de Henry Morgan, "o pirata que todos temiam".

Do Batuque às Escolas de Samba - De J. Muniz Júnior, editado pela Símbolo. Um ensaio sobre o samba, desde suas origens até a sua forma atual.

As Profecias do Papa João XXIII - Abrange a história da humanidade entre os anos de 1930 e 2.033; revelada pelo escritor italiano Pier Carpi e lançada no Brasil há pouco mais de um mês, essa obra está novamente no prelo, para uma segunda edição. São profecias feitas quando João XXIII era bispo na Turquia. O Vaticano os colocou em dúvida mas deixou ao leitor a capacidade de julgá-la.

PENHORADOS, AGRADECEMOS. (I)

Ao "Jornal de Jundiá" que na sua coluna N.R., edição de domingo dia 23, fez referências elogiosas ao concurso de contos patrocinado pela Editora Japi. Quanto ao fato de o prêmio em dinheiro ser pequeno, bem sabe o nosso caro co-irmão que a gente é pobre, e que o dinheiro mal está dando para o feijão, quanto mais para as letras. (S.V.)

PENHORADOS, AGRADECEMOS. (II)

Outra vez ao "Jornal de Jundiá", que na sua coluna N.R., edição de domingo dia 23, fez referências a este jornaleco, embora de maneira um tanto ou quanto subjacente. Afinal, não é sempre que um jornalzinho modesto e humilde como este que vos fala pode servir de inspiração para um coleguinha maduro, é ou não é? Depois, é evidente que qualquer semelhança entre N & O e N.R. é mera semelhança. (S.V.)


RETÍFICA (I)

Outro dia, reclamei aqui que está muito caro ir ao teatro, que anda custando Cr\$... 60,00 por pessoa. E acrescentei: Cr\$ 120,00 o casal. Aí veio a revisão e corrigiu: Cr\$ 130,00 o casal. Então, refiz as contas e concluí que eu estava errado: realmente, dois mais dois são três. Obrigado, revisão. (S.R.)


NELSINIANAS (I)

Na também inominável página social do JJ, o colunista Nelson Chiosorin Jr. (argh! Perdão, leitores!) está com uma das mais altas contagens no placar de repetição de chavões verbais e coisas parecidas. Num trabalho exaustivo da central de computação do J2a., o resultado parcial era este, até a semana passada:

"Fará realizar" - 15.986 vezes; "uniram-se pelos laços do matrimônio" - 6.534 vezes; "aos quais juntamos nossos" - 10.546 vezes; "aniversário natalício" - 15.385 vezes; "graciosa garota" - 7.657 vezes; "estão sendo muito parabenizados" - 3.468 vezes; "foi muito felicitado" - 4.590 vezes.

Atenção, leitores: estes são apenas resultados parciais. Os gerais serão dados quando se encerrar a carreira desse colunista. Mil perdões, leitores. (Kazu)

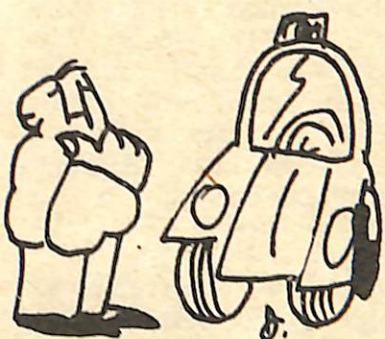

TELESP CONTRA O GOVERNO

Na noite do dia 23, tentei mais de quatro vezes telefonar para um amigo, cujo aparelho já estava funcionando há um mês. Só dava sinal de ocupado (conversando depois com ele, fiquei sabendo que não tinha ninguém usando o aparelho aquela hora).

Por causa disso, fui obrigado a tomar um táxi e ir até a casa dele. Resultado: 30 paus de corrida e um considerável consumo de gasolina. Qual é, Telesp? Enquanto o Governo diz que é pra economizar somos obrigados a gastar gasolina porque o telefone não funciona? (Kazu)

TÁXI, TÁXI!

O Cine Marabá está anunciando pela terceira (quarta? quinta?) vez o filme "Táxi Driver", de Martin Scorsese, com Roberto de Niro, que aborda o problema do etc. etc. etc. Eu já não aguento mais ouvir falar desse filme. Se não passar desta vez, vou pedir a Deus que mande uma praga de gafanhotos para comer todas as cadeiras do Marabá. (S.V.)


DESTA VEZ, SIM

Paulo Copelli comentando um dia desses comigo, sua surpresa neste ano, em matéria de vendagem de discos. Segundo ele, os mais procurados nesta cidade, sempre foram Roberto Carlos, Odair José e outras ofensas a nossa música. Neste ano, porém, parece que a turma despertou. O mais vendido foi Chico com "Meus Caros Amigos". Depois Bethânia com "Pássaro Proibido", Milton com "Minas" e agora "Geraes", isso sem citar Elis, que vendeu durante o ano inteiro seu "Falso Brillante". (Carole)

AÍ, BETHÂNIA! (II)

A coleguinha Carole que me desculpe, mas dizem que nesse show que está no Rio e Bethânia está mais desafinada

do que nunca, volta a massacrar Fernando Pessoa e Clarice Lispector, respira mal no meio das músicas do Chico, Luiz Gonzaga Jr. etc., e ainda por cima é dirigida por Fauzi Arap. Portanto, quem estiver pelo Rio de Janeiro nesses dias, fuja dela. É o que dizem os críticos mais sérios, não tenho culpa. Eu nem vi o show. (S.V.)

CONCORRÊNCIA FAJUTA PODE

O prefeito Newton Cardoso (MDB), de Contagem, Minas Gerais, foi condenado a 30 meses de reclusão e multa de 15 salários mínimos por ter cometido o crime de difamação-injúria-e-calúnia contra o deputado Milton Sales (Arena).

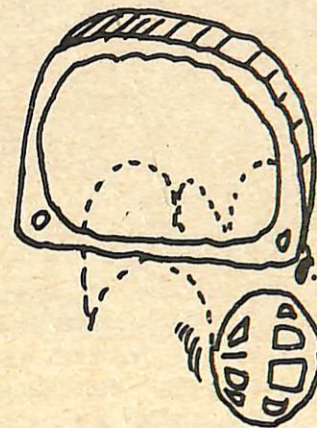
Enquanto isso, ao sul de Minas... (E.M.)

PADRÃO GLOBO

Para comemorar o aniversário da impossível São Paulo, a equipe da Rede Globo levou um bolo enorme até a Praça da Sé e deixou lá para filmar a reação dos incautos passantes. Bem, o bolo acabou

sendo comido e o locutor demonstrou num belo sorriso a satisfação de toda a equipe.

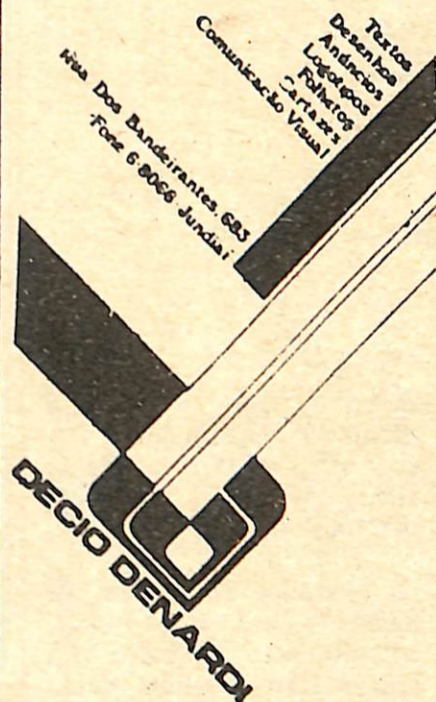
Pouco mais tarde, anunciaram mais um novo enlatado americano. Policial, é claro. O pão do corpo a Globo deu, mas o do espírito, tão importante quanto, ainda estamos esperando. (Kazu)


ATENÇÃO, LEITORES

Não. Não nos fantasiemos para o próximo carnaval que se aproxima. A roupa não ficou pronta. Portanto não confundam: nosso jornal não publicou novamente a manchete "A diretoria quis prestação de contas: foi demitida." Resta esclarecer que foi o segundo jornal em off set que fez isso, numa boa reprise jornalística. É hora de racionar. A imaginação entrou nessa também. (Carole)

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicilio
Fone 6-4880

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.o 1 - 60,00
Bola futebol n.o 2 - 74,00
Bola futebol n.o 3 - 97,00


JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648



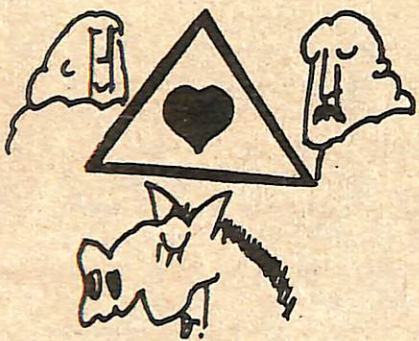
AUTO-CRÍTICA

Na semana passada, o "Jornal da Cidade" publicou uma última página com o título geral de **Poluição**. Efetivamente, é a primeira vez na história da imprensa, e até mesmo das artes gráficas, que uma página sai publicando a sua auto-crítica. (S.V.)

PONTIFICANDO

João da Ponte é um homem de 62 anos, que há 16 morava sob uma ponte, na cidade de Mococa. As enchentes provocadas pela ruptura de barragens, quinze dias atrás, desabrigaram João. Pouco antes, porém, a TV Cultura (ela existe, você sabia?) havia feito uma reportagem com João da Ponte, durante a qual, perguntado sobre o problema de solidão, respondeu:

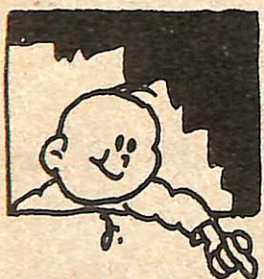
— Quando eu quero mulher, vou pra cidade. O resto, tenho aqui: mandioca, batatinha, verdura. De vez em quando pesco um peixe... (E.M.)



ISÓCELES

Deu no "Bragança Jornal", do dia 20.1.77: "Triângulo amoroso: deu dois tiros no desafeto por sentir ciúmes de uma égua".

Os outros dois lados são: Daniel Alves Fernandes e Luiz Carlos Rocha. (E.M.)



AUDIO, SEM VISUAL

O garotão, resfestado na poltrona da sala, falou pra mãe: "Escuta só. Tão

vendendo maconha na rua". A mãe correu à janela a tempo ainda de ver passar a Kombi, com alto-falante, bradando:

"Pamonha, pamonha. Fresquinha. De Piracicaba. Olha a pamonha, pamonha". (E.M.)



EM RESUMO...

Um dos tele-jornais da Globo anunciou a prisão de uma gang que assaltava casas que estacionavam o carro no acostamento da Castelo Branco. O repórter foi ouvir (olhai, Sandro) um dos componentes da quadrilha. O cara pegou o microfone e resumiu a história:

— Fui solicitado a participar do assalto. Foi um trabalho muito fácil. Sem violência. Rápido. Objetivo. (E.M.)

PRA QUEM ENTENDER

A Delegacia de Ensino de Jundiá mandou uma circular pra gente sobre atribuição de aulas excedentes de Educação Moral e Cívica e O.S.P.B.. Como faltou didática no material, publicamos na íntegra, já que não entendemos nada disso:

Datas e locais — 29-01, Escola; 31-01, Município; 2-02, Delegacia; 4-02, D.R. E.C. Candidatos — Todos os professores habilitados que vinham lecionando Educação Moral e Cívica e/ou O.S.P.B. em 1976 (efetivos e ACT).

Data e Local — 8-02, Escola, Candidatos — professores habilitados em O.S.P.B. e Educação Moral e Cívica que vinham lecionando outras disciplinas em 1976 (efetivos ou ACT).

Mas fases de município e Delegacia as atribuições serão realizadas na Escola Estadual de 1.º e 2.º. Graus "Cel. Siqueira de Moraes", às 14 horas. Os professores admitidos nos termos do decreto n.º 7.713/76 em-

Apartamento na Praia Grande Aluga-se.

Acomodações até 9 pessoas. Tratar com Irineu Romanatto Filho — Av. Alvaros de Azevedo, 403 — Fone: 436-2832.

De frente para o mar. Lugar sem poluição ao lado do Aeroporto.

bora tenham lecionado em 1976 não poderão concorrer às aulas nestas fases de atribuição.

RETÍFICA (II)

Pode ficar aí que é pra você mesmo, revisão: na coluna do Percival, semana passada, você deixou escapar um **abdominável**, em vez de **abominável**. Um erro imperdoável. (AF)

VRUM, VRUM!

Na saída (congestionada) do autódromo de Interlagos, enquanto esquentavam seus motores, e depois de terem cheirado 20 mil litros de gasolina que se evaporaram, os proprietários de lindos carrões ostentavam, nos seus vidros traseiros, este colante: "Ajude o Brasil. Economize Gasolina." Impagáveis gozadores, ou apenas cínicos? (S.V.)



QUEM TE VIU

Bastante vistosa (e ruidosa) foi a chegada do ministro Quandt de Oliveira, da Comunicações, na quinta-feira passada, quando veio a Jundiá inaugurar oficialmente os sistemas DDD e DDI. Vocês precisavam ver: tinha uma viatura da polícia na frente, vários batedores de motocicletas e muitos e muitos carros grandes. Eu disse muitos carros grandes? (Kazu)

RACIONALIZANDO

O primeiro ato oficial do presidente Jimmy Carter foi anistiar os rapazes que se recusaram a combater no Vietnã.

Boa, Jimmy! Mas escuta um conselho: aproveita a crise do petróleo e não passeia de carro, não. Mesmo fora de Dallas. (E.M.)



PAPO FURADO

O presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, andou por Campinas há poucos dias dizendo que, por causa da racionalização do uso da gasolina, não poderá garantir a ninguém (isto é, Ponte Preta, Guarani e Botafogo de Ribeirão) uma vaga no Campeonato Brasileiro de 78. Isso porque, explicou, provavelmente o campeonato deverá ter menos times e menos jogos, evitando que grandes massas se desloquem aos estádios e, assim, se economize gasolina.

Ora, eu nunca ouvi papo mais furado na minha vida. Em primeiro lugar, porque só os times menores seriam afastados, e quem arrasta massas aos estádios são exatamente os grandes. Segundo, porque as massas vão aos estádios de **ônibus**. De carro, só as elites. E se não querem que esse pessoal vá de carro aos jogos, basta impedir o estacionamento nas proximidades dos estádios.

A não ser que essa história furada seja apenas uma desculpa esfarrapada para afastar, do campeonato, agora, um grande número de cidades e times que participaram. no ano passado, só para aumentar as chances eleitorais da Arena. (S.R.)

SOBRE A BÍBLIA

Juro por tudo quanto é sagrado que no N&O sobre preços de teatro estava mesmo Cr\$ 60,00 por pessoa, Cr\$ 130,00 o casal. Daí vem a dúvida: corrigir a aritmética, ou respeitar a genialidade do autor da nota? Preso por ter cão, preso por não ter cão. (A Revisão)

PEDESPECULPEPE

Pedespeculpeas peao Peplanpetão pepepela perrepesepesão pedo peapebopemi-penápevel. Peopessos pedo peopefípecio. (Pea Perrepevisão).

QUESTÃO DE OUTROSSIM

Enquanto Wilson "Dedinho" Simonal fazia sucesso no show que deu no Clube Jundiáense, semana passada, Chico Buarque assinava, com mais 1.045 intelectuais, o manifesto contra a Censura (o manifesto está transcrito na página 7 deste hebdô).

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª
fone:434-8648

FOTOCOPIADORA MALTONI
TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE
Rosário, 618 Fone — 6-8460

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.
AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO
ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

O GALO VAI PRA BRIGA

Um campeonato com 369 jogos, 19 times e quatro chaves (três de cinco e uma de quatro times) é a guerra em que o Paulista estará lutando a partir do dia 5, quando abrirá os jogos contra o Palmeiras, no Parque Antártica. Mas pode o Paulista, com todos os seus problemas, ser, pelo menos, um lutador à altura?

A maioria das pessoas diretamente ligadas ao time (dirigentes e jogadores) acha que sim. Não será nenhum grande vitorioso, isto é certo, mas as previsões garantem que a fase das derrotas humilhantes já passou. Essas afirmações baseiam-se nas novas contratações e também no apoio que o clube está encontrando na cidade.

Mas, o Paulista ainda não está totalmente pronto para enfrentar seus adversários. Ainda não é o time que o técnico Roberto Belangero quer: falta um centro avançado, elemento chave para que ele estruture definitivamente o esquema tático a ser usado, se bem que já tenha um; o mesmo usado nos treinos e no ano passado.

O PROBLEMA:

CENTRO AVANTE

O time deverá jogar assim: uma defesa com quatro zagueiros, três armadores no meio do campo, os extremos abertos. Para completar, só o centro avançado. "Ele tem que ser brigador — contou Roberto — ir lá na área do adversário, ou um jogador de talento, capacidade técnica". Dentro desses dois estilos, o técnico já tem uma variação tática para adotar em qualquer um dos casos sem ter que fazer alterações profundas no time.

Até o meio desta semana, o Paulista já deverá ter definido se Adilson, o centro avançado pedido por Roberto, poderá ser contratado. Caso contrário, há outros sendo sondados. Se não houver tempo hábil de concluir as negociações, o técnico terá que se contentar com Zanata ou Brayner, que jogam nessa posição, mas ainda dependem de serem estudados.

TABELA MADRASTA

Em todo o caso, há uma solução dentro da cabeça de Roberto (e ele é cauteloso demais para adiantar uma es-

calação baseada no time que jogou nos últimos amistosos). Sem a presença da Daércio e Vicente nos dois primeiros jogos do campeonato, por força contratual, o Paulista vai começar essa guerra futebolística em desvantagem:

— A tabela foi madraستا para nós — queixou-se Roberto. Os primeiros jogos são com times poderosos, com o São Paulo, Palmeiras, Portuguesa Santista. É um negócio tanto indigesto. Mas nós estamos dando, além de preparo físico e técnico, um treinamento psicológico aos jogadores.

NOVOS JOGADORES

Aparentemente, não é lesse tratamento que os novos contratados estão precisando. O ponta-direita Brinda (Arlindo Domingues Leonardo — o apelido ele tem desde a infância, mas não sabe a origem) está confiante. Com apenas 19 anos, jogou na Ponte Preta, depois foi emprestado a Rio Claro, jogando na 1.ª Divisão:

— Eu já conhecia quase todo mundo daqui — disse ele — e com as novas contratações acho que vai dar para jogar bem nesse campeonato.

Do mesmo otimismo partilha o ponta esquerda Daércio (Daércio Rosa), jogador de futebol há seis anos — agota tem 23 anos — e emprestado do Corinthians. Ele já jogou no Noroeste e afirmou que "vai dar para fazer um bom campeonato".

Mas, nem tão confiante está Mosca (Carlos Henrique Pedrosa), ex-corintiano de 27 anos, que acabou de chegar do Operário de Cuiabá. Para ele, o plantel precisa ser mais numeroso, devido ao fato do campeonato desse ano ser "quase um campeonato nacional" pelo grande número de jogos. Apesar disso, acha que para o início do certame vai dar.

GASTOS

Com esses novos jogadores, que deverão retornar a seus times de origem (exceto Mosca, que terá passe livre), mais Nobre, Vicente e o futuro centro-avante, a folha de pagamento do Paulista deverá ficar por volta de 120 a 130 mil cruzeiros. Essa informação, um tanto relutante, foi prestada pelo presidente,



Roberto: estruturando o time



Brinda: dá para jogar bem

Vanderley Pires, que prosseguiu falando de outros gastos:

— Nós devemos receber o orçamento da iluminação do campo no fim desta semana (a entrevista foi feita quinta-feira passada) ou no começo da semana que vem. Será Philips, com refletores iguais aos da Ponte Preta de Campinas. Até o dia 16 de março, quando haverá o primeiro jogo noturno aqui, o sistema deverá estar instalado.

Há ainda outros gastos: reforma da frente do estádio e as obras da cabine da imprensa e cobertura. Quanto vai custar ainda não se sabe, mas o orçamento está sendo preparado. De que jeito o Paulista vai poder pagar tudo isso?

Vanderley Pires respondeu:

— Assim que terminarem as obras, dentro de uns dois meses, vamos iniciar uma campanha de sócios.

No momento em que falava isso, Manoel de Oliveira, o diretor do Departamento Profissional, entrou na conversa:

— Se o prefeito tivesse pago aquilo que deveria, a gente poderia até pagar à vista estas obras.

Vanderley concluiu:

— A Prefeitura devia ter pago ao Paulista 300 mil cruzeiros, por força de convênio. Seriam 150 mil por ano durante dois anos.



Daércio: alguma confiança



Mosca: bom campeonato

AUXÍLIOS

Mas isso não aconteceu. Em contrapartida, no dia 25 de janeiro foi realizada uma reunião com os dirigentes do clube e o presidente da Vulcabrás, Josef Pfulg. O empresário dizendo que confia no time, resolveu ajudar depois que passou para a Divisão Especial. O contrato assinado estabelece uma ajuda de 15 mil cruzeiros mensais, durante um ano, para a manutenção do Departamento Profissional.

Não será só em dinheiro o auxílio: a Vulcabrás pretende fornecer através da Adidas o material usado nos treinos e jogos (chuteiras, tênis, camisas, malhas e malas para as viagens). Para o presidente do Conselho Deliberativo do Paulista, Paulo Emílio Fehr, este é o maior gasto:

— Cada compra de material fica em 17 ou 18 mil cruzeiros e a cada três meses metade precisa ser renovado.

Existem mais indústrias e firmas que estão interessadas em colaborar com o clube: Jundiaí-Clínicas, Sobam, Cosmar e Vigorelli, entre elas. O contato com as empresas está sendo feito por Geraldo Paes. Na verdade, como o presidente Vanderley Pires disse, essa ajuda era esperada:

— Nas outras cidades, a indústrias e o comércio sem-

pre ajudam os times. Nossa cidade é tipicamente operária. Se as fábricas ajudarem a manter um bom time, nos fins de semana seus trabalhadores vão poder ir ao estádio e ver bons jogos.

O campeonato começa nesta semana. O Paulista está se armando de forma que parece mais conveniente ao técnico Roberto Belangero para entrar na luta com alguns trunfos e não mais sofrer retumbantes derrotas. Caso tudo que esperam se realize, segundo os cálculos de Roberto, o Paulista, em 78, terá um time estruturado para permanecer na Especial.

Se tudo correr como Vanderley quer, ele deixará montado um "clube empresa", para a tranquilidade de seu sucessor, E, finalmente, deverão ficar soterrados pelas glórias vindouras, todos esses anos de fracassos futebolísticos e desastres administrativos. Mas que fique bem claro, se...

Carlos Kazuo Inoue

O NOVO CAMPEONATO

O Campeonato Paulista deste ano vai funcionar assim: os 19 times serão divididos em quatro chaves: A, B e C, com cinco times cada, e D, com quatro (o Paulista está nesta, junto com Santos, Guarani e América). Todos jogarão entre si. Os quatro primeiros colocados jogarão, saindo um campeão, que receberá a Taça Cidade de São Paulo, e o vice, com lugares garantidos na final.

No segundo turno, com inversão de mando, o sistema será indêntico, surgindo mais dois finalistas. O vencedor receberá a Taça Governador do Estado. Daí, aparecerão mais quatro times para disputar a semifinal, através dos critérios de renda e de maior número de pontos ganhos durante todo o campeonato. Divididos em dois, os oito times disputarão apenas em suas respectivas chaves, em melhor de três pontos. Os dois finalistas jogarão dia 1.º de setembro. O campeão receberá a Taça Jubileu de Diamantes. Caso seja também o campeão dos dois turnos, terá direito a uma Coroa de Ouro.

EXCLUSIVO!

Revelamos os pensamentos secretos de Brandão

Rigorosamente verdadeiro. Estas são as opiniões de Oswaldo Brandão sobre alguns jogadores da seleção. Mas são opiniões que ele só dá em off, isto é, para não publicar.

Sobre Marinho, do Botafogo: "ele é um covarde, já panhou 4 vezes do Leão e não reagiu. Eu só escalo ele por causa da imprensa carioca. Não marca ninguém, e não tem lugar no meu time.

Sobre Falcão: "um bom jogador para o Inter, mas não para a Seleção. Gosto mais de Rivelino, Givanildo e Zico. Além do que, não tem espírito de Seleção. Ele está sempre preocupado com as folgas. Não vejo como ele possa ganhar a posição".

Sobre Lula: "tem 30 anos; é um sujeito responsável: não jogou nada até agora, mas eu confio que ele vá jogar".

Sobre Chicão: "para mim, seria titular. So não o convoquei porque pegaria mal com a CBD, onde ele é tido como irresponsável. Agora mesmo ele foi expulso lá do Norte e pegou 8 jogos de suspensão. Ser expulso no Norte é passar atestado de burrice".

Sobre Paulo César Caju: "não o convoquei porque quero um time de

homens decentes. No meu time, ninguém anda de chinélinho".

Sobre mulheres na concentração: "mesmo que a gente faça como na Europa e traga as mulheres dos jogadores para a concentração, eles não querem. Eles preferem... (o resto é fácil imaginar)